



**INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
CURSO DE LETRAS**

CELESTE CRISTINA DE ANDRADE DELFINO

**AS PARÁFRASES EM HQS BASEADAS EM *NOITE NA TAVERNA*, DE ÁLVARES
DE AZEVEDO**

REDENÇÃO – CE

2017

CELESTE CRISTINA DE ANDRADE DELFINO

**AS PARÁFRASES EM HQS BASEADAS EM *NOITE NA TAVERNA*, DE ÁLVARES
DE AZEVEDO**

Monografia apresentada à Prof^a. Dr^a. Cláudia Ramos Carioca, como parte dos requisitos para a aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

REDENÇÃO – CE
DEZEMBRO - 2017

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira
Diretoria do Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade - BSCL
Catálogo na fonte

Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219

D391p Delfino, Celeste Cristina de Andrade.

As paráfrases em HQs baseadas em Noite na Taverna, de Álvares de Azevedo / Celeste Cristina de Andrade Delfino. - Redenção, 2017.

99f: il. ; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso do Licenciatura em Letras Língua Portuguesa do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.

Orientador: Prof. Dr. Kennedy Cabral Nobre.

Inclui referências.

1. Histórias em quadrinhos. 2. Paráfrase. I. Título.

CDD 741.5

**AS PARÁFRASES EM HQS BASEADAS EM *NOITE NA TAVERNA*, DE ÁLVARES
DE AZEVEDO**

Monografia apresentada como requisito parcial
à obtenção do título de licenciatura em Letras
Língua Portuguesa, pela Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia Afro-
Brasileira – Unilab.

Orientador: Prof. Dr. Kennedy Cabral Nobre

Aprovada em: ____/____/2017

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Kennedy Cabral Nobre

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Profa. Dra. Antonia Suele de Souza Alves

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Profa. Dra. Geórgia Maria Feitosa e Paiva

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Dedico este trabalho aos meus pais, Nilson e Socorro, por me amarem, incondicionalmente, e me ensinarem que a educação é o caminho certo para a vitória.

GRATIDÃO

À guisa de agradecimento, dedico este texto:

a Deus, autor e consumidor da minha fé;

ao querido professor Dr. Kennedy Cabral Nobre, pela sugestão do tema, pela orientação, pela paciência, pela parceria, pelo incentivo e pelo farto material bibliográfico disponibilizado;

à querida professora Dra. Otávia Marques de Farias, pela amizade, pelo apoio e pela presença em todas as orientações;

às professoras Dras. Antonia Suele de Souza Alves e Geórgia Maria Feitosa e Paiva, por terem aceitado, com cordialidade, fazer parte da banca;

aos meus pais José Delfino Filho (Sr. Nilson) e Maria do Socorro de Andrade, ao meu esposo Leonilson Farias da Costa, aos meus irmãos José Delfino Neto (Nilsinho) e Maria do Socorro Delfino Nogueira (Maninha) e à minha prima Marília Delfino Correia, que me acompanharam de perto na escritura desta monografia;

aos (às) professores(as) e à coordenação do Curso, que disponibilizaram tempo, atenção e dedicação, para que pudesse ter um bom desempenho em todas as atividades, tanto práticas como teóricas.

aos (às) colegas de turma com quem compartilhei momentos de conversas, aulas, trabalhos, risos e, claro, atritos;

aos verdadeiros amigos, que estiveram presentes em todos os momentos e torcem pelo meu sucesso;

e enfim, a todos que contribuíram para a realização deste trabalho, seja de forma direta ou indireta, fica registrado aqui, o meu muito obrigada!

Não há melhor túmulo para a dor que uma taça
cheia de vinho ou uns olhos negros cheios de
languidez. ( lvares de Azevedo)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar como a obra *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo (2005), foi parafraseada nas adaptações para histórias em quadrinhos de Seriacopi (2011) e Patati (2013), levando-se em consideração as perspectivas teóricas de Fuchs (1985) e Fuchs (1982, *apud* DUARTE 2003). A metodologia utilizada foi pesquisa quantitativo-qualitativa. Na pesquisa quantitativa realizamos, após a seleção das paráfrases da obra original, a coleta e a análise dos dados através de procedimentos estatísticos, utilizando gráficos que apresentaram as paráfrases e as reproduções *ipsis litteris*, em que foi possível observar que 40,91%, correspondentes a 63 sentenças retiradas do capítulo I ao Capítulo VII do HQ, são consideradas ocorrências parafrásticas; e 59,09%, correspondente a 91 sentenças, relacionam-se à reprodução *ipsis litteris* na obra de Seriacopi (2011). Já em Patati (2013), foi possível observar que 92,24%, correspondente a 107 sentenças retiradas do capítulo I ao Capítulo VII do HQ, são consideradas ocorrências parafrásticas, e apenas 7,76%, correspondente a 9 sentenças, relacionam-se à reprodução *ipsis litteris*. Quanto à pesquisa qualitativa, realizamos a análise das paráfrases a partir das categorias de Fuchs (1985): perspectiva lógica da equivalência, perspectiva gramatical da sinonímia e perspectiva retórica da reformulação; e de Fuchs (1982, *apud* DUARTE 2003): plano locutivo, plano referencial, plano pragmático e plano simbólico. As estratégias de elaboração de paráfrases são distintas nas duas adaptações de HQ de Seriacopi (2011) e Patati (2013), pois a HQ de Seriacopi é uma versão que tenta ser mais fidedigna à obra original, logo, torna-se mais voltada para um público adulto, contando inclusive com quadrinhos padronizados do início ao fim em preto e branco. Já na HQ de Patati há uma quantidade maior de paráfrases, esta HQ foi um trabalho realizado por vários quadrinistas no qual houve a distinção de cores e modelos de desenhos dos quadrinhos, diferentemente da obra de Seriacopi, em Patati as personagens eram coloridas, além disso, a partir da interpretação do autor e da reprodução do texto, contando com um contexto mais contemporâneo, esta obra torna-se mais voltada para um público juvenil.

Palavras-chave: Paráfrase. Histórias em quadrinhos. Noite na Taverna. Perspectivas. Planos.

ABSTRACT

This work aims to analyze how the work *Noite na Taverna*, of Álvares de Azevedo (2005), was paraphrased in the adaptations to comics of Seriacopi (2011) and Patati (2013), taking into consideration as theoretical perspectives of Fuchs (1985) and Fuchs (1982) *apud* Duarte (2003). A methodology used in quantitative-qualitative research. In the quantitative research we performed, after a selection of the paragraphs of the original work, a collection and analysis of the data through statistical procedures, using graphs that presented as paragraphs and as *ipsis litteris* reproductions, in which it was possible to observe that 40,91%, corresponding to 63 sentences passed from Chapter I to Chapter VII of the HQ are considered paraphrastic occurrences; and 59,09%, corresponding to 91 sentences, are related to *ipsis litteris* reproduction in the work of Seriacopi (2011). In Patati (2013), it was possible to observe that 92, 24%, corresponding to 107 sentences withdrawn from chapter I to Chapter VII of the HQ, are considered paraphrastic occurrences, and only 7, 76%, corresponding to 9 sentences, are related to reproduction *ipsis litteris*. About the qualitative research, it performs an analysis of the parables of the categories of Fuchs (1985): logical perspective of the equivalence, grammatical perspective of the synonymy and rhetorical perspective of the reformulation; and Fuchs (1982) *apud* Duarte (2003): locutive plane, referential plane, pragmatic plane and symbolic plane. The strategy of elaboration of paraphrases are different in the two adaptations of the HQ of Seriacopi (2011) and Patati (2013), because a HQ of Seriacopi is a version that tries to be more reliable to the work having original, soon becomes more targeted to an adult audience, including standardized comics from start to finish in black and white. In Patati's HQ there is a larger number of paragraphs, this HQ was a work done by several unqualified comic artists and models of comic models, unlike the work of Seriacopi, in Patati as characters were colored, in addition, from the interpretation of the author and the reproduction of the text, with a more contemporary context, this work becomes more aimed at a youth audience.

Keywords: Paraphrase. Comics. *Noite na Taverna*. Perspectives. Plans.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Levantamento e análise de todas as paráfrases e reproduções *ipsis litteris* contidas no original *Noite na Taverna* de Álvares de Azevedo

LISTA DE FIGURAS

- Imagem 01 – Uma noite do século (retirado da versão em HQ de Seriacopi, 2011, p. 6);
- Imagem 02 – Bertram (retirado da versão em HQ de Seriacopi, 2011, p. 25);
- Imagem 03 – Solfieri (retirado da versão em HQ de Patati, 2013, p. 21);
- Imagem 04 – Gennaro (retirado da versão em HQ de Patati, 2013, p. 39);
- Imagem 05 – Último beijo de amor (retirado da versão em HQ de Patati, 2013, p. 80);
- Imagem 06 – Bertram (retirado da versão em HQ de Seriacopi, 2011, p. 21);
- Imagem 07 – Solfieri (retirado da versão em HQ de Patati, 2013, p. 23);
- Imagem 08 – Bertram (retirado da versão em HQ de Patati, 2013, p. 35);
- Imagem 09 – Johann (retirado da versão em HQ de Patati, 2013, p. 64);
- Imagem 10 – Uma noite do século (retirado da versão em HQ de Seriacopi, 2011, p. 7);
- Imagem 11 – Claudius Hermann (retirado da versão em HQ de Patati, 2013, p. 52);
- Imagem 12 – Gennaro (retirado da versão em HQ de Patati, 2013, p. 40);
- Imagem 13 – Claudius Hermann (retirado da versão em HQ de Patati, 2013, p. 27);
- Imagem 14 – Johann (retirado da versão em HQ de 2013, p. 64);
- Imagem 15 – Solfieri (retirado da versão em HQ de Patati, 2013, p. 24);
- Imagem 16 – Uma noite do século (retirado da versão em HQ de Patati, 2013, p. 12);
- Imagem 17 – Gennaro (retirado da versão em HQ de Seriacopi, 2011, p. 37);
- Imagem 18 – Johann (retirado da versão em HQ de Patati, 2013, p. 63);
- Imagem 19 – Uma noite do século (retirado da versão em HQ de Patati, 2013, p. 8);
- Imagem 20 – Solfieri (retirado da versão em HQ de Patati, p. 18).

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Representação da quantidade de páginas, quadros e balões da versão em HQ de Seriacopi;

Gráfico 2 – Representação da quantidade de páginas, quadros e balões da versão em HQ de Patati;

Gráfico 3 – Comparativo das paráfrases com as reproduções *ipsis litteris* em Seriacopi;

Gráfico 4 – Comparativo das paráfrases com as reproduções *ipsis litteris* em Patati;

Gráfico 5 – Representação da quantidade de perspectiva lógica da equivalência, perspectiva gramatical da sinonímia, perspectiva retórica da reformulação do capítulo I ao VII em Seriacopi;

Gráfico 6 – Representação da quantidade de planos locutivos, planos referenciais, planos pragmáticos e planos simbólicos do capítulo I ao VII em Seriacopi;

Gráfico 7 – Representação da quantidade de perspectiva lógica da equivalência, perspectiva gramatical da sinonímia, perspectiva retórica da reformulação do capítulo I ao VII em Patati;

Gráfico 8 - Representação da quantidade de planos locutivos, planos referenciais, planos pragmáticos e planos simbólicos do capítulo I ao VII em Patati.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Relações de sentido entre palavras e frases completas

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

HQs – Histórias em quadrinhos;

Ant – Anteposição (traço);

CL – Cliticizável (traço);

Q – Retomável através de (*o*) *que/quem* (traço);

Art – Atributo;

AO – Adjunto oracional;

CP – Complemento do predicado (função);

NSN – Núcleo de sintagma nominal (função);

PNI – Pré-núcleo interno (função);

ModE – Modificador externo (função);

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
2. COMPREENDENDO A PARÁFRASE.....	17
2.1. <i>Permuta Lexical.....</i>	<i>18</i>
2.2. <i>Paráfrase No Plano Sintático.....</i>	<i>19</i>
2.3. <i>Paráfrase E Correspondência.....</i>	<i>20</i>
2.4. <i>Grupos De Correspondência Total.....</i>	<i>22</i>
2.5. <i>Grupos De Correspondência Parcial.....</i>	<i>24</i>
2.6. <i>Paráfrase Em Âmbito Textual.....</i>	<i>27</i>
2.7. <i>Plano Referencial.....</i>	<i>28</i>
2.8. <i>Paráfrase Além Do Âmbito Linguístico.....</i>	<i>28</i>
2.9. <i>Plano Locutivo.....</i>	<i>28</i>
2.10. <i>Plano Pragmático.....</i>	<i>29</i>
2.11. <i>Plano Simbólico.....</i>	<i>30</i>
2.12. <i>Diferentes Perspectivas Para O Estudo Da Paráfrase.....</i>	<i>31</i>
3. METODOLOGIA.....	35
4. ANÁLISE.....	43
4.1. <i>Reprodução Ipsi Litteris.....</i>	<i>43</i>
4.2. <i>Perspectiva Lógica Da Equivalência.....</i>	<i>44</i>
4.3. <i>Perspectiva Gramatical Da Sinonímia.....</i>	<i>45</i>
4.4. <i>Perspectiva Retórica Da Reformulação.....</i>	<i>48</i>
4.5. <i>Plano Locutivo.....</i>	<i>51</i>
4.6. <i>Plano Referencial.....</i>	<i>53</i>
4.7. <i>Plano Pragmático.....</i>	<i>56</i>
4.8. <i>Plano Simbólico.....</i>	<i>59</i>
4.9. <i>Subversão Do Sentido Original.....</i>	<i>60</i>
4.10. <i>Acréscimo.....</i>	<i>62</i>
5. CONCLUSÃO.....	64
6. REFERÊNCIAS.....	66
7. REFERÊNCIAS DOS CORPORA DE ANÁLISE.....	67
8. APÊNDICE.....	68
9. REFERÊNCIAS DOS CORPORA DE ANÁLISE.....	99

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa está inserida no âmbito da semântica e da pragmática, tendo como base Fuchs (1985), Duarte (2003), Perini (2009), Oliveira (2008), Ilari e Geraldi (1990), Ilari (2014), Cançado (2010), Marques (2011) e Tamba (2006). Por fim, apresentamos Sant'Anna (2003) e Castilho (2008), que aplicam o conceito de paráfrases a partir de textos.

O objeto de nossa análise foram as adaptações para HQ de Reinaldo Seriacopi (2011) e Carlos Patati (2013) da obra *Noite na Taverna* de Álvares de Azevedo. Tais obras ainda não foram analisadas nesta perspectiva, tornando-se, portanto, relevante para o ambiente acadêmico. Este trabalho tem como objetivo analisar como a obra *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo (2005), foi parafraseada nas adaptações para HQ de Seriacopi (2011) e Patati (2013), levando-se em consideração as perspectivas teóricas de Fuchs (1985) e Fuchs (1982) *apud* Duarte (2003).

Quanto à metodologia, foi realizada neste trabalho uma pesquisa descritiva, tendo o intuito de classificar as estratégias de paráfrases nas adaptações em HQ de Seriacopi (2011) e Patati (2013) da obra *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo (2005), conforme os modelos propostos por Fuchs (1985), Duarte (2003), Perini (2009) e Ilari e Geraldi (1990), dentre outros. Para a elaboração deste trabalho realizou-se a pesquisa bibliográfica e documental. Para a pesquisa bibliográfica, utilizamos os seguintes autores: Fuchs (1985), Duarte (2003), Perini (2009) e Ilari e Geraldi (1990), dentre outros e quanto à pesquisa documental utilizamos os HQs de Seriacopi (2011) e Patati (2013), parafraseados do livro *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo (2005).

Neste trabalho levantamos as seguintes questões: a) de acordo com a proposta de Fuchs, como as paráfrases se apresentam quanto às perspectivas lógica da equivalência, gramatical da sinonímia e retórica da reformulação presentes na obra *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo (2005), em comparação com as adaptações para HQ de Seriacopi (2011) e Patati (2013)? b) de acordo com Duarte (2003), como as paráfrases se apresentam quanto aos planos locutivo, referencial, pragmático e simbólico presentes na obra *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo (2005), nas adaptações para HQ de Seriacopi (2011) e Patati (2013)? c) quais as proximidades existentes entre as duas adaptações de HQ de Seriacopi (2011) e Patati (2013) e a obra *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo (2005), quanto ao uso de paráfrases?

Este trabalho está organizado da seguinte forma: fundamentação teórica, metodologia, análise e conclusão. O suporte teórico com os seguintes pontos: permuta lexical, paráfrase no

plano sintático, paráfrase e correspondência (englobando: topicalização, anteposição do elemento Q, clivagem, pseudoclivagem, movimentação de clíticos, movimentação do predeterminante, movimentação de Atr e AO, ativas e passivas, alçamento de objeto, pré-núcleos e modificadores), paráfrase em âmbito textual, paráfrase além do âmbito linguístico (abordando os seguintes planos: locutivo, referencial, pragmático e simbólico) e as diferentes perspectivas para o estudo da paráfrase; o método adotado, no qual apresenta gráficos com: representação da quantidade de páginas, quadros e balões tanto na versão de Seriacopi (2011) como na versão de Patati (2013), comparativo das paráfrases com as reproduções *ipsis litteris* em ambos autores, representação das perspectivas e planos também em ambos autores; a análise contendo uma breve retomada de cada plano e de cada perspectiva, sendo apresentados na seguinte sequência: reprodução *ipsis litteris*, perspectiva lógica da equivalência, perspectiva gramatical da sinonímia e perspectiva retórica da reformulação, plano locutivo, plano referencial, plano pragmático e plano simbólico, subversão do sentido original e acréscimo. O trabalho também apresenta as referências bibliográficas e apêndice que consiste na apresentação do referencial teórico e do quadro de análise elaborado.

2. COMPREENDENDO A PARÁFRASE

O termo paráfrase, conforme Sant'Anna (2003, p. 17), no grego *paraphrasis*, significa “continuidade ou repetição de uma sentença”. Fuchs (1985, p. 129) afirma que o termo “paráfrase” apareceu, na literatura linguística, em meados dos anos 60, tendo como função o desenvolvimento do “tratamento automático de textos, do estudo sistemático das relações entre frases (gramáticas transformacionais) e do alargamento das preocupações semânticas (da palavra ao enunciado)”. Apesar de tantas perspectivas distintas, de uma maneira geral a paráfrase relaciona-se à realização da reformulação de sentenças, partindo de uma sentença considerada original.

É válido salientar que a grande maioria dos trabalhos relacionados à paráfrase encontra-se no escopo da sinonímia. Em Ilari e Geraldi (1990, p. 41) as diversas relações de sentido entre palavras e frases completas são exploradas da seguinte maneira:

Quadro 01
Relações de sentido entre palavras e frases completas

PLANO LEXICAL	PLANO ESTRUTURAL
Sinonímia	Paráfrase
Antonímia	Contradição
Hiponímia	Consequência
Duplicidade de Sentido	Ambiguidade

Fonte: Elaboração nossa

Os autores afirmam que a sinonímia está no plano lexical, em equivalência com a paráfrase que está no plano estrutural, bem como as outras noções do plano lexical representadas no quadro que são vinculadas as noções do plano estrutural.

A noção de paráfrase pode ser definida como uma simples retomada de sentenças, em que nada é acrescentado, sendo um “dizer em outras palavras”, ou seja, a partir da retomada dessas sentenças, que são consideradas matrizes, podemos dizer que a paráfrase realiza a reprodução dessas sentenças mantendo as ideias originais.

A partir do que foi investigado a paráfrase pode ser compreendida em três planos: a) permuta lexical (isto é, quando há a substituição de um léxico por outro em sentenças, cujo sentido não é alterado, ou seja, quando realizamos a substituição de um termo por palavras sinônimas em que o sentido muda), b) correspondência sintática (trata-se das relações formais entre estruturas sintáticas diferentes), c) permuta textual (no sentido de realizar a reescrita de um texto através do uso da sinonímia). A partir desta concepção, abordaremos, respectivamente, as perspectivas de Marques (2011) e Tamba (2006) que apresentam

exemplos de paráfrases ocorridas através da permuta de palavras sinônimas em sentenças. Apresentaremos também autores como Duarte (2003), Perini (1995), Oliveira (2008), Ilari (2014), Ilari e Geraldi(1990), Cançado (2010) e Fuchs (1985) que fizeram um apanhado sobre como a paráfrase se dá, não apenas no plano lexical, mas também no plano sintático, logo, a paráfrase ultrapassa o âmbito da semântica. Por fim, mostraremos Sant’Anna (2003) e Castilho (2008), que aplicam o conceito de paráfrases a partir de textos. Demonstraremos as perspectivas de cada autor supracitado.

2.1 Permuta Lexical

Marques (2011) e Tamba (2006) ressaltam que a paráfrase ocorre no plano lexical. Isso acontece quando realizamos a mudança de um léxico na mesma sentença, isto é, os autores afirmam que isto ocorre quando substituímos termos por palavras sinônimas que não mudam de sentido.

Conforme Marques (2011, p. 113), “a paráfrase é uma sinonímia entre sintagmas ou sentenças”, através do exemplo *garoto*, *menino* e *guri*, a autora explica que, a partir de um conjunto de lexemas, é possível determinar os componentes que apresentam algo em comum, verificando se a ocorrência dos lexemas, em sentenças, apresentam pelo menos uma leitura idêntica, como:

(1)“Há um *garoto* na rua.” = 1.a. “Há um *ser humano* na rua.”

1.b. “Há um *ser humano macho* na rua.”

1.c. “Há um *ser humano não adulto* na rua.”

(2)“Há um *menino* na rua.” = 2.a. “Há um *ser humano* na rua.”

2.b. “Há um *ser humano macho* na rua.”

2.c. “Há um *ser humano não adulto* na rua.”

(3)“Há um *guri* na rua.”= 3.a.“Há um *ser humano* na rua.”

3.b. “Há um *ser humano macho* na rua.”

3.c. “Há um *ser humano não adulto* na rua.”

Marques (2011, p. 114) explicita que o conjunto “+ ser humano”, “+ macho” e “- adulto” mantém a igualdade de significado, isto é, ocorre sinonímia. Para a autora, este exemplo configura a igualdade de significado, isto é, a paráfrase, no plano denotativo. Os exemplos acima, *garoto*, *menino* e *guri*, podem ser substituídos por: *ser humano*, *macho*, *não adulto*, de modo que as sentenças podem ser consideradas paráfrase umas das outras.

A perspectiva de Tamba (2006, p. 89) compreende a sinonímia ao invés de tratar

diretamente com paráfrase, ou seja, o foco da autora é a sinonímia, que afirma que este fenômeno ocorre a partir de termos que, quando substituídos por sinônimos (palavras diferentes da mesma categoria gramatical e de sentido quase equivalente), não mudam de sentido. A autora exemplifica como os termos *primeiro* e *primogênito*, são considerados sinônimos nas expressões: “ter um primeiro filho” / “ter um filho primogênito” ou “a chegada do primeiro filho” / “a chegada do primogênito” (TAMBA, 2006, p. 89). Com base nisso, Tamba (2006, p. 89) afirma que a sinonímia é caracterizada “pelos termos sobre os quais ela incide” com sua essência nas unidades lexicais codificadas.

2.2. *Paráfrase No Plano Sintático*

Oliveira (2008) e Duarte (2003) afirmam que a paráfrase ocorre no plano sentencial. Isso acontece quando há a semelhança de significados entre as sentenças. Duarte (2003, p. 242) esclarece que “não há paráfrases perfeitas”, afirmando que na sinonímia sintática devemos definir o que levar em consideração quando formos dizer algo, semelhante ao que acontece na sinonímia lexical.

Para Oliveira (2008, p. 79), a paráfrase se dá quando há uma semelhança de significados entre as sentenças, em que a sinonímia ocorre tanto no nível lexical como no nível sentencial. Duarte (2003, p. 241), também afirma que a paráfrase se dá quando a sinonímia não é considerada exclusivamente no plano lexical, mas também como um fenômeno encontrado no plano sintático.

Oliveira (2008, p. 79) exemplifica através de sentenças que apresentam equivalência semântica entre:

Voz ativa e voz passiva:

- (4) a. O Ipiranga derrotou o Galícia na Fonte Nova.
- b. O Galícia foi derrotado pelo Ipiranga na Fonte Nova.

Identidade Semântica

- (5) a. Todos os estivadores aprovaram a greve.
- b. A greve dos estivadores foi aprovada por unanimidade.

Oposição de significados, unida a uma negação:

- (6)a. Lampião está morto.
- b. Lampião não está vivo.

O autor especifica que a diferença de topicalização comprova a inexistência da sinonímia perfeita no par (4a) e (4b), que apresenta a equivalência semântica entre voz ativa e

passiva. Em (5a) e (5b) a equivalência semântica é unida à identidade semântica em “todos” e em “por unanimidade” criando assim a sinonímia. Já no exemplo (6a) e (6b) é apresentada uma paráfrase causada pela oposição dos significados “morto” e “vivo”, unida a uma negação, que segundo Oliveira (2008, p. 79) essa negação provoca a figura de linguagem conhecida por litote “afirmação de algo por meio da negação do seu oposto”.

Duarte (2003, p. 258) analisa a paráfrase como um “fenômeno sinonímico do domínio da sintaxe, embora submetido a fatores complexos que ultrapassam o plano estritamente estrutural, relativo às formas e aos sentidos”, neste sentido é válido citar a perspectiva de Ilari e Geraldi (1990, p. 42), os quais explicam que, quando duas orações são equivalentes com relação ao significado (ou seja, proferem a mesma coisa), são chamadas de paráfrase. Com base nisso, é oportuno afirmar que a paráfrase se trata de uma sentença que apresenta as informações de outra sentença, contendo o mesmo sentido, com outras palavras.

2.3. *Paráfrase E Correspondência*

Duarte (2003, p. 241), refletindo sobre a noção de correspondência em Perini (2009), ressalta que, mesmo que a paráfrase tenha relação com este fenômeno, ela “ultrapassa o âmbito da Semântica enquanto mera correspondência de estruturas, para adentrar o terreno pragmático e discursivo”.

Duarte (2003) aproxima do conceito de paráfrase a noção de correspondência proposta por Perini (2009, p. 207), a qual “serve para descrever certas relações formais entre estruturas sintáticas diferentes”. São apresentadas por Perini (2009) dois tipos de correspondência: a total e a parcial.

Na correspondência total, para que a forma A e a forma B sejam totalmente correspondentes, é necessário que seja estabelecido entre todos os termos de A e todos os termos de B um relacionamento um a um, bem como, é preciso que:

- (i) os membros de cada par assim formado sejam preenchidos por itens léxicos idênticos; e
- (ii) para qualquer preenchimento léxico idêntico dos pares, a aceitabilidade de A implica a aceitabilidade de B, e vice-versa; e a inaceitabilidade de A implique a inaceitabilidade de B, e vice-versa (PERINI, 2009, 208).

Na correspondência parcial, uma forma A pode ser, parcialmente, correspondente a outra forma B, havendo a possibilidade de estabelecer, entre todos os termos de B e alguns termos de A, um relacionamento um a um, assim como:

- (i) os membros de cada par assim formado sejam preenchidos por itens léxicos idênticos; e
- (ii) para qualquer preenchimento léxico idêntico dos pares, a aceitabilidade de A implique a aceitabilidade de B (mas não vice-versa) (PERINI, 2009, p. 209).

O autor discute a noção de correspondência a partir do seguinte exemplo:

(7) a. Leo comeu o peixinho.

b. O peixinho, Leo comeu.

Conforme Perini (2009, p. 207), (7a) e (7b) são correspondentes, levando em consideração que, caso estabeleçamos que toda frase com objeto direto corresponda a uma outra frase com objeto direto topicalizado, será necessário enumerar as estruturas da língua que contêm objeto não topicalizado, como vimos em (7a) e as versões topicalizadas, em (7b) pois esta é derivada, automaticamente, da primeira. Além disso, fica claro que o *peixinho* em (7b) é objeto direto, bem como em (7a), ou seja, neste caso, pode-se considerar que o elemento topicalizado tem a mesma função sintática, o que pode contribuir para simplificar a análise.

De acordo com Perini (2009, p. 207-208), em ambos os casos, é possível notar que tanto (7a) como (7b) têm o mesmo conteúdo, mesmo sendo diferentes com relação ao elemento que é tomado como tópico da mensagem, estando, portanto, a relação de correspondência presente na maioria dos modelos de análise sintática. Como já dito antes, de acordo com Perini (2009, p. 208) “a correspondência pode ser **total** (A corresponde a B, e vice-versa) ou **parcial** (A corresponde a B, mas B não corresponde a A)”. As sentenças (7a) e (7b) são totalmente correspondentes.

O autor salienta que “nos casos de correspondência total, as frases têm sempre as mesmas funções sintáticas, ocupadas pelos mesmos elementos léxicos. (...) Já nos casos de correspondência parcial pode haver mudanças de função de certos termos” (PERINI, 2009, p. 208).

Perini (2009, p. 209) afirma que a relação ativa/passiva apresenta correspondência parcial, vejamos:

(8) a. Geraldo estragou um saxofone.

b. Um saxofone foi estragado por Geraldo.

Em que podemos dizer que (8b) corresponde a (8a), mas não vice-versa. Em termos gerais, podemos dizer que as frases passivas correspondem às ativas, porém, as ativas não correspondem às passivas. Neste caso, esta é a considerada correspondência parcial. (PERINI, 2009, p. 211).

Um conjunto de estruturas que se correspondem total ou parcial é chamado pelo autor de grupo de correspondência. Perini (2009) apresenta os grupos de correspondência total e parcial.

2.4. Grupos De Correspondência Total

Topicalização: Perini (2009, p. 213) explica que, em uma oração, sempre que houver um termo marcado [+ Ant]¹, também haverá uma oração idêntica a essa, sendo que o fator que diferencia as duas sentenças é o termo que está no início da frase.

(9) a. Leo comeu o peixinho imediatamente.

b. O peixinho, Leo comeu imediatamente.

(PERINI, 2009, p. 213)

Anteposição de elemento Q: Para Perini (2009, p. 214) “o elemento Q é um dos itens de uma pequena lista: que, o que, quem, quando, como, onde, por que”, em que tais elementos estão encarregados de desempenhar as funções sintáticas usuais na oração, tendo a propriedade de ocorrer em duas posições, seja no início do período, seja na posição que seria de esperar que ocupasse, dada sua função. Logo, sempre que houver, em uma oração, o elemento Q, haverá também uma oração idêntica a essa, diferindo apenas o fato de o elemento Q encontrar-se no início da frase.

(10) a. Vocês procuram o quê?

b. O que vocês procuram?

(PERINI, 2009, p. 214)

Clivagem: De acordo com Perini (2009, p. 215), a clivagem ocorre sempre que houver, em uma oração, um termo marcado [+CI]², em que pode haver também uma outra oração que é diferente da primeira, especificamente quando:

(a) a oração começa com o verbo ser, no mesmo tempo em que está o verbo principal da oração primitiva;

(b) segue-se o termo marcado [+CI];

(c) segue-se o item *que(m)*;

(d) seguem-se, na ordem, os demais termos da oração primitiva (PERINI,

¹ Anteposição (traço), isto é, constituinte que pode ser deslocado para uma posição anteposta.

² Cliticizável (traço).

2009, p. 215).

- (11) a. Mamãe fez os sanduíches.
b. Foi mamãe que/quem fez os sanduíches.

(PERINI, 2009, p. 215)

Pseudoclivagem: Conforme Perini (2009, p. 216), a pseudoclivagem ocorre sempre que houver um termo marcado [+Q]³, em uma oração, também haverá outra oração que é diferente da primeira, particularmente quando:

- a) começa com *que* ou *quem*;
b) segue-se o restante da oração, sem o constituinte marcado [+Q];
c) segue-se o verbo *ser*, no mesmo tempo do verbo principal da oração primitiva;
d) segue-se o constituinte marcado [+Q].(PERINI, 2009, p.)

- (12) a. Vovô assou o cabrito.
b. Quem assou o cabrito foi vovô.

(PERINI, 2009, p. 216)

Movimentação de clíticos: Perini (2009, p. 216) afirma que a movimentação de clíticos é outro caso de correspondência total, ocorrendo quando as frases só são diferentes quanto à posição de um clítico, isto é, pronome oblíquo.

- (13) a. Suas ideias me assustam.
b. Suas ideias assustam-me.

(PERINI, 2009, p. 216)

Movimentação do predeterminante: De acordo com Perini (2009, p. 217) a movimentação do predeterminante é um caso claro de correspondência total, pelo fato do predeterminante ser um elemento externo ao SN, podendo ocorrer em diversas posições na oração.

- (14) a. Todas as adolescentes gostam de tango.
b. As adolescentes todas gostam de tango.
c. As adolescentes gostam todas de tango.

(PERINI, 2009, p. 217)

Movimentação de Atr⁴ e AO⁵: Perini (2009, p. 217) define também a movimentação de Atr e AO como grupos de correspondência total. O autor chama de movimentação de Atr e AO a relação de correspondência de (15c) que está vinculado com (15a) e (15b). Enquanto (15a) e

³ Q – Retomável através de (*o*)*que/quem* (traço)

⁴ Atr – Atributo

⁵ AO – Adjunto oracional

(15c) estão relacionados a apenas *viaja*, (15b) relaciona-se à sequência como um todo.

(15) a. Nosso diretor *viaja* frequentemente.

b. Frequentemente, nosso diretor *viaja*.

c. Nosso diretor frequentemente *viaja*.

(PERINI, 2009, p. 217)

2.5. Grupos De Correspondência Parcial

Ativas e passivas: Neste grupo de correspondência parcial, Perini (2009, p. 218) afirma que “para cada passiva, há sempre uma oração ativa correspondente”, todavia, nem toda oração ativa, tem uma passiva correspondente, visto que as funções sintáticas mudam.

(16) a. Tomás foi surpreendido pelos detetives.

b. Os detetives surpreenderam Tomás.

(PERINI, 2009, p. 218-219)

Alçamento de objeto: Conforme Perini (2009, p. 219), neste grupo há pares de frases como (17a) e (17b) que também formam grupos de correspondência parcial, em que (17b) corresponde parcialmente a (17a). “Essa construção é governada por um traço do adjetivo que ocupa a função de complemento do predicado: no caso, *difícil*”. Perini (2009, p. 219) chama essa relação de alçamento de objeto, pois a metáfora transformacional é mantida, de forma que o objeto direto de (17a) é “alçado” à posição de sujeito de (17b).

(17) a. Mastigar farinha é difícil.

b. Farinha é difícil de mastigar.

(PERINI, 2009, p. 219)

Sempre que houver uma oração com a estrutura seguinte
 sujeito formado de *oração reduzida de infinitivo*, *O sem sujeito* e com *objeto direto*
 +*verbo ser, estar* ou *parecer*
 + um *CP*⁶ representado por *um adjetivo marcado* [+AlçO]

haverá também uma estrutura formada de
 o *objeto direto de O*, como *sujeito*
 + o *NdP* e o *CP da primeira estrutura*
 + a *preposição*

⁶ CP – Complemento do predicado (função).

+ o verbo de *O*.

(PERINI, 2009, p. 219).

Pré-núcleos e modificadores: Neste caso, Perini (2009, p. 220) explana as estruturas, quando diz que parece que estas “que contém pré-núcleo interno mais NSN⁷ são parcialmente correspondentes de estruturas em que o mesmo item ocupa a função de modificador externo”, que é o caso do exemplo (18a) que parece ser correspondente de (18b). Para o autor, isso ocorre pelo fato de que todos os itens que podem ser PNI⁸, também podem ser ModE⁹. Com isto, muitos itens podem ser ModE mas não PNI, “a implicação de aceitabilidade é unidirecional e a correspondência é parcial, logo, (18a) corresponde a (18b), mas não vice-versa.

(18) a. Um lindo dia.

b. Um dia lindo.

(PERINI, 2009, p. 220)

Nessa mesma linha de raciocínio, Ilari e Geraldi (1990, p. 48) e Ilari (2014, p. 151) relacionam os casos de paráfrase com um fundamento sintático, isto é, a mudança de combinação de sintagmas e a substituição de palavras por outras palavras de mesma família semântica em uma sentença são consideradas paráfrases. Isto porque, além das relações de sentido entre as palavras, é necessário reconhecer as relações de sentido entre as construções gramaticais. Com relação à sinonímia, os autores rotulam a sinonímia como “identidade de significação” (ILARI e GERALDI, 1990, p. 41), isto é, quando os sentidos de um vocábulo possuem uma significação muito próxima.

Conforme Ilari e Geraldi (1990, p. 44) a sinonímia lexical é a relação entre as palavras, isto é, quando na frase “pegue o pano e seque a louça” e “pegue o pano e enxugue a louça” que “seque” é substituído por “enxugue” e não há alteração de sentido. Em contrapartida com a sinonímia lexical, a sinonímia estrutural (ou sinonímia sintática, definida por Duarte (2003, p. 242)), se dá através da identificação da fundamentação estrutural. É possível realizar a identificação da sinonímia estrutural no caso destes exemplos de paráfrase “É difícil encontrar este livro” e “Este livro é difícil encontrar”, em que fica clara a mudança na estrutura. Os autores apresentam alguns exemplos de paráfrase:

A formação da voz passiva:

⁷ NSN – Núcleo de sintagma nominal (função).

⁸ PNI – Pré-núcleo interno (função)

⁹ ModE – Modificador externo (função)

(19) a. Cabral *descobriu* o Brasil.

b. O Brasil *foi descoberto* por Cabral.

A construção do comparativo de igualdade:

(20) a. Pedro é tão bom quanto José.

b. José é tão bom quanto Pedro.

A construção dos comparativos de superioridade e inferioridade, formulados nos dois sentidos:

(21) a. Pedro é mais esperto do que José.

b. José é menos esperto do que Pedro.

A construção com *ter* e a construção com *ser* de:

(22) a. Pedro tem João como amigo.

b. João é amigo de Pedro.

Construções nominalizadas e construções não-nominalizadas:

(23) a. Primeiro o coral cantou o hino, depois a banda executou a marcha fúnebre.

b. O canto do hino pelo coral foi seguido pela execução da marcha fúnebre pela banda.

Construções com *mesmo*:

(24) a. Wladimir Zatopek corre 3.000 metros no mesmo tempo que o irmão do João.

b. O irmão do João corre 3.000 metros no mesmo tempo que Wladimir Zatopek.

É possível que haja paráfrases ao mesmo tempo lexicais e estruturais:

(25)a. O camelô vendeu-me este descascador de batatas que não funciona.

b. Comprei do camelô este descascador de batatas que não funciona.

A nominalização:

(26)a. A justiça ordenou a *entrega imediata da criança* aos pais.

b. A justiça ordenou *que a criança fosse entregue imediatamente aos pais*.

A substituição de uma forma verbal finita por uma forma verbal infinita:

(27)a. Aos 30 anos, ficaria mal *eu pedir* dinheiro a meu pai.

b. Aos 30 anos, pegaria mal *que eu pedisse/se eu pedisse* dinheiro a meu pai.

Aos 30 anos, pegaria mal *eu pedir* dinheiro a meus pais.

O alçamento de certos verbos:

(28) a. Para a maionese endurecer, é *preciso* que a vasilha esteja absolutamente seca.

b. Para que a maionese endureça, a vasilha *precisa* estar absolutamente seca.

A substituição de certos verbos por advérbios e vice-versa (aparentemente: parecer; possivelmente: poder; necessariamente: precisar; geralmente: costumar, etc):

(29)a. Os ensaios da banda são feitos *habitualmente* na noite de quarta-feira.

b. Os ensaios da banda *costumam* ser feitos na noite de quarta-feira.

É válido retomar Ilari e Geraldi (1990) e Ilari (2014), que salientam a ocorrência da paráfrase quando há duas orações equivalentes, com relação ao significado. Logo, os autores explicam que há paráfrase quando há mudança na estrutura, tornando os sentidos do vocábulo com significação muito próxima.

2.6. Paráfrase Em Âmbito Textual

Diferentemente dos autores Oliveira (2008), Ilari e Geraldi (1990) e Ilari (2014) que abordam paráfrase no nível sintático, Sant’Anna (2003) amplia o escopo da paráfrase ao texto. Para Sant’Anna (2003, p. 17) a paráfrase realiza a repetição de uma sentença no sentido de realizar a reescritura de um texto através do uso da sinonímia. Sant’Anna (2003, p. 17) afirma ainda que o termo paráfrase tem um sentido diversificado, sendo a paráfrase “a reafirmação, em palavras diferentes, do mesmo sentido de uma obra escrita, (...) em geral ela se aproxima do original em extensão”. É nesse sentido de sinonímia estrutural que a grande maioria dos autores que se dedicam aos estudos da semântica abordam a paráfrase, a saber, Duarte (2003), Fuchs (1985), Ilari e Geraldi (1990), Ilari (2014), Marques (2011) e Oliveira (2008).

Todavia, Sant’Anna (2003, p. 17) ressalta o fato de o termo paráfrase possuir um sentido diversificado, e nos apresenta uma definição oficial do vocábulo, ao afirmar que a paráfrase “é a reafirmação, em palavras diferentes, do mesmo sentido de uma obra escrita”, podendo ser desde a afirmação geral da ideia de uma obra até o esclarecimento de uma difícil passagem; em suma, a paráfrase é um recurso linguístico em que um novo texto aproxima-se da versão original.

Castilho (2010, p. 274) define a paráfrase, conforme Hilgert (1989), afirmando ser “basicamente um processo de criação textual, por meio de que voltamos atrás na elaboração do texto, repetindo com alterações os segmentos que o compõem”.

Castilho (2010, p. 235) apresenta a definição de paráfrase proposta por Fuchs (1982, p. 49-50) como uma “transformação progressiva do ‘mesmo’ (sentido idêntico) no ‘outro’ (sentido diferente). Para se redizer a ‘mesma coisa’ acaba-se por dizer ‘outra coisa’, no termo

de um processo contínuo de deformações negligenciáveis, imperceptíveis.”, isto é, para Castilho (2010, p. 235), a paráfrase seria uma repetição de conteúdos, que pelo fato de terem sido repetidos, houve um acréscimo semântico, havendo uma mudança.

2.7. *Paráfrase Além Do Âmbito Linguístico*

Duarte (2003, p. 243) afirma que, para Fuchs (1982), a paráfrase é empobrecida ao ser tratada como um fenômeno meramente estrutural, devendo ser ligados não apenas a fatores linguísticos, mas também à situação, ou seja, a paráfrase é mais do que uma estrutura linguística, pois depende do contexto situacional, em que há participantes envolvidos, “o locutor com sua intenção e o alocutário com sua recepção, com sua interpretação” (DUARTE, 2003, p. 243).

Duarte (2003) preocupa-se em enfatizar quatro tipos de parâmetros estabelecidos por Fuchs (1982), são eles: o locutivo, o referencial, o pragmático e o simbólico.

2.8 *Plano Locutivo*

O plano locutivo realiza uma decodificação alicerçando o sentido linguístico, é a chamada paráfrase, propriamente dita, e estaria inscrita no âmbito do sistema linguístico.

(30) a. O homem entrou.

b. Ele usava um chapéu.

Em que é possível extrair desta possibilidade as seguintes paráfrases:

c. O homem que entrou usava um chapéu.

d. Aquele que usava um chapéu é o homem e ele entrou.

e. Há um homem que usava um chapéu: é ele que entrou.

(DUARTE, 2003, p. 244).

O autor afirma que tanto as possibilidades de paráfrase como as variações semânticas são ilimitadas. Nestes exemplos a função referencial, além de ser reconhecida como função metalinguística, também é reconhecida no plano locutivo, similarmente ao que ocorre à sinonímia lexical, que faz relação entre os significados de dois lexemas.

2.9. *Plano Referencial*

O plano referencial relaciona-se com a identidade das referências, a partir da situação extralinguística e não simplesmente pela estrutura sintático-semática. Geralmente, as paráfrases são constituídas por expressões dêiticas.

Duarte (2003) exemplifica através das seguintes frases:

- (31) a. Ele veio aqui no mês passado.
b. Paulo veio a Paris em janeiro.

(DUARTE, 2003, p. 246)

Duarte (2003, p. 246) afirma que o plano destacado neste caso é o referencial, em que “a função referencial continua a persistir, uma vez que se considera a identidade das referências, mas estas são dadas pela situação e não apenas pela estrutura sintático-semântica.” Logo, a frase (31a) pode ser interpretada pela frase (31b), isto é, a paráfrase está ancorada pelos, respectivamente, locutor e alocutário entre “ele” e “Paulo”, “aqui” e “a Paris”, “no mês passado” e “em janeiro”, que correspondem às identidades compartilhadas. O autor salienta que é imprescindível haver conhecimento compartilhado entre os interlocutores com relação às identidades referenciais que são projetadas no discurso. Para Duarte (2003, p. 246) “um pronome como *ele*, em virtude de seus traços sêmicos [+ Masculino], [+3ª pessoa], [+ Singular], potencialmente evoca nomes em número ilimitado, sob essas condições semânticas”, da mesma forma que as frases:

- (32) a. O presidente da República foi visitar a maior cidade do Brasil.
b. Fernando Henrique Cardoso foi visitar São Paulo.

A frase (32a) pode corresponder à frase (32b), todavia, é necessário que haja conhecimento compartilhado entre os interlocutores com relação às identidades referenciais projetadas no discurso.

2.10. Plano Pragmático

No plano pragmático, Duarte (2003, p. 247) afirma que “a paráfrase se baseia nas intenções do locutor, seu comprometimento com o ato de fala (valores ilocutórios) e nos efeitos sobre o receptor (valores perlocucionários)”, isto é, deve-se considerar a intenção do locutor, bem como o efeito causado ao receptor.

O plano pragmático retoma os estudos de Austin (1990, p. 119), para o qual o ato de fala compreende três aspectos:

- a) um aspecto locucionário: a forma fonética de que se reveste, a construção gramatical em que se veicula e o sentido associado;
- b) um aspecto ilocucionário: o valor do ato praticado pelo falante ao proferir certas palavras em determinada situação;
- c) um aspecto perlocucionário: o efeito produzido pelo ato nos sentimentos, pensamentos ou ações do ouvinte, do próprio falante ou de outras pessoas

(AUSTIN, 1990, p. 119).

O aspecto locucionário é o ato de falar – dizer alguma coisa; o aspecto ilocucionário é a intenção – o que é fazemos ao dizer o que dizemos; e o aspecto perlocucionário é o efeito sobre o ouvinte – intencionalmente ou não. Duarte (2003, p. 248) também faz menção das noções de valor ilocucionário e de potencial ilocucionário, que se referem, respectivamente, ao ato de fala que praticamos ao enunciar a frase e aos atos ilocucionários proferidos numa frase. Duarte (2003, p. 248 - 249) exemplifica a paráfrase no plano pragmático a partir dos exemplos:

Dos valores ilocutório (a paráfrase é baseada nas intenções do locutor, comprometendo-se com o ato de fala):

(33) a. Não partirei sem te avisar.

b. prometo que não partirei sem te avisar.

(34) a. Não faça isso.

b. Eu te proíbo de fazer isto.

(35) a. Tenho dor de cabeça.

b. Queria que você me trouxesse um medicamento.

Dos valores perlocucionários (a paráfrase é baseada nos efeitos sobre o receptor):

(36) a. João sugeriu a Maria responder a minha carta.

b. Maria respondeu a minha carta graças à sugestão de João.

(37) a. Pedro aconselhou a Paulo que viesse.

b. Pedro persuadiu a Paulo que viesse.

2.11. Plano Simbólico

O plano simbólico se fundamenta nas figuras de estilos e nos gêneros literários. Conforme Duarte (2003, p. 249), a metáfora e a alegoria destacam-se neste tipo de paráfrase. Para o autor, são encontrados exemplos desse tipo de paráfrase na Bíblia, a partir da analogia das metáforas é possível que sejam estabelecidas, em termos de equivalência semântica, esquemas actanciais

(38) a. Moisés veio para libertar os *hebreus* da *escravidão egípcia*.

b. Jesus veio para libertar o *homem* da *escravidão do pecado*.

(39) a. A Páscoa é a comemoração da libertação do *povo hebreu* da *escravidão egípcia*.

b. A Páscoa é a comemoração da libertação do *homem* do *fenômeno da morte*.

O autor salienta que este tipo de paráfrase ocorre não apenas no discurso bíblico-religioso, mas também pode ser encontrado em alguns discursos literários. Duarte (2003, p. 250) afirma que “A paráfrase, no nível simbólico, não impõe frequentemente consenso, pois depende de crenças e do grau de capacidade figurativa por parte dos interlocutores”. O autor ressalta que o estudo da paráfrase no nível simbólico implica a análise dos vários gêneros literários.

2.12. *Diferentes Perspectivas Para O Estudo Da Paráfrase*

Fuchs (1985, p. 129) fala a respeito do conceito de “paráfrase”, de sua constante recorrência na literatura linguística. A autora afirma que, seja na teoria, seja na prática, a noção de paráfrase é difícil de precisar, afinal, pode ser caracterizada de formas distintas.

Fuchs (1985, p. 129) examina os três principais conceitos relativos à paráfrase na contemporaneidade que são divididas em três seções: “a perspectiva lógica da equivalência formal, depois a perspectiva gramatical da sinonímia e finalmente a perspectiva retórica da reformulação”.

Na paráfrase como equivalência formal entre frases, Fuchs (1985, p. 130) explana a ideia de equivalência, isto é, quando há duas proposições, tidas como equivalentes, significa que elas têm o mesmo “valor verdade”, ou seja, se as sentenças são verdadeiras na mesma circunstância, elas se equivalem semanticamente. A autora dá alguns exemplos, ilustrando enunciados linguísticos, como:

(40) a. Todos os homens são mortais.

b. Não há nenhum homem que não seja mortal.

(41) a. É necessário que ele venha.

b. Não é possível que ele não venha.

(42) a. Eu partirei.

b. Eu não ficarei.

(43) a. Ou eu me engano ou você já esteve aqui.

b. Se eu não me engano, você já esteve aqui.

(44) a. Ele dirige melhor do que eu.

b. Eu dirijo menos bem do que ele.

(FUCHS, 1985, p. 130).

Fuchs (1985, p. 130) enfatiza que há linguistas que, para encontrar a paráfrase, dão continuidade às regras de equivalência lógica, todavia, há outros linguistas que, persistem nas dificuldades e limites desse tipo de abordagem da paráfrase. Porém, mesmo recusando tal critério “de identidade de valores de verdade”, há a retomada da lógica para tratar a paráfrase como equivalência, isto é, “duas paráfrases são formalmente equivalentes na medida em que elas compartilham uma propriedade comum”. Nesta perspectiva, o protótipo de paráfrase linguística se dá na relação entre frases ativas e passivas ou a relação entre conversas, como nos respectivos exemplos:

(45) a. Paulo comprou a casa.

b. A casa foi comprada por Paulo.

(46) a. Pedro vendeu a casa a Paulo.

b. Paulo comprou a casa de Pedro.

(FUCHS, 1985, p. 130).

As regras de equivalência lógica são encontradas em Cançado (2008, p. 42-43), em que a noção de sinonímia entre sentenças é considerada paráfrase. A autora exemplifica através das seguintes sentenças:

(47) a. Aquelas mulheres do canto estão chamando.

b. Aquelas senhoras do canto estão chamando.

c. Aquelas damas do canto estão chamando.

A autora explica que não há diferença na escolha do emprego de qualquer uma das três sentenças, pois “os falantes do português brasileiro concordarão que estas têm o mesmo conteúdo ou se equivalem semanticamente” (CANÇADO, 2008, p. 43). Para explicar essa noção, a autora faz menção a Chierchia e McConnell-Ginet (1990), que afirmam que esta noção de sinonímia é chamada de sinonímia de conteúdo, podendo ser definida como: “A sentença (a) é sinonímia de conteúdo da sentença (b), quando (a) acarretar (b) e (b) acarretar (a)” (CANÇADO, 2008, p. 43). Isto é, para que ocorra a sinonímia de conteúdo, faz-se necessário apenas que as sentenças (a) e (b) sejam verdadeiras, nas mesmas circunstâncias.

Fuchs (1985, p. 130) salienta que abordagem de paráfrase na perspectiva da equivalência formal¹⁰ enfrenta dois tipos de problemas: a consideração do léxico e o impacto semântico das operações de derivação. A paráfrase é estudada com base na constância lexical, seja na variação de ordem sintática, seja no investimento na equivalência entre lexicalização e

¹⁰ Paráfrase na perspectiva da equivalência formal = Perspectiva lógica da equivalência

gramaticalização.

No que se refere à paráfrase como sinonímia de frases, Fuchs (1985) afirma que a sinonímia lexical é antiga, por isso houve indagações por parte dos gramáticos a respeito da relação de sinonímia entre palavras, tendo prevalecido duas concepções: quantitativa e qualitativa, sendo, respectivamente, as palavras que possuem o mesmo sentido e as diferenças semânticas entre as sinonímias.

Fuchs (1985, p. 131) fala a respeito da definição de sinonímia lexical¹¹ pelos clássicos, no sentido de “ideia principal” e de “idéias acessórias”. Nesta mesma perspectiva, a autora refere-se à caracterização de paráfrase, com base nos semanticistas contemporâneos, ao concordarem que a paráfrase é caracterizada “em termos de identidade de um núcleo semântico de partida”.

Fuchs (1985) salienta que a abordagem de paráfrase como sinonímia, enfrenta dois tipos de problemas: “a qualificação das semelhanças e diferenças semânticas, e a presença da ideia intuitiva de identidade de sentido na consciência linguística [sic] dos locutores” (FUCHS, 1985, p. 132).

Martin, citado por Fuchs (1985, p. 132), leva em consideração que as paráfrases como sinonímia têm o mesmo sentido lógico, isto é, para o autor, a paráfrase como equivalência não difere da paráfrase como sinonímia, na sua perspectiva, a paráfrase como sinonímia pode divergir quanto:

Ao sentido topicalizado:

- (48) a. João vendeu a casa a Paulo.
- b. Paulo comprou a casa de João

Ao sentido linearizado:

- (49) a. Do meu ponto de vista, ele não é especialmente simpático.
- b. Ele não é, do meu ponto de vista, especialmente simpático.
- c. Ele não é especialmente simpático, do meu ponto de vista.

Ao sentido focalizado:

- (50) a. João está mal.
- b. É João quem está mal

Ao sentido conotativo

- (51) a. Roubaram minha motocicleta.
- b. Levaram minha máquina.

¹¹ Sinonímia lexical = Perspectiva gramatical da sinonímia

Com relação à paráfrase como reformulação¹², a autora aborda três tipos de questões a respeito das diversas abordagens da paráfrase a partir das perspectivas enunciativas, discursivas e pragmáticas. Primeiramente, a reformulação parafrástica trata da interpretação prévia do texto-fonte, isto é, a interpretação se dá conforme a percepção de cada um, a forma como o texto é restaurado, de modo diferente. Segundo, a reformulação parafrástica se dá através da identificação da significação do texto-fonte, sendo reconstituído em um novo texto, através da interpretação do enunciador, quando ele produz a paráfrase. Em terceiro lugar, a reformulação parafrástica realiza a tradução por formas através das características de emprego metalinguístico da linguagem.

Neste trabalho foram relevantes as perspectivas propostas por Fuchs (1985) e os planos propostos por Fuchs (1982, *apud* DUARTE 2013), levando em consideração alguns autores que abordaram a paráfrase, seja no âmbito da semântica, seja no âmbito da pragmática, ou mesmo autores que aplicam o conceito da paráfrase a partir de textos. A seguir, apresentaremos a metodologia adotada neste trabalho.

¹² Paráfrase como reformulação = Perspectiva retórica da reformulação

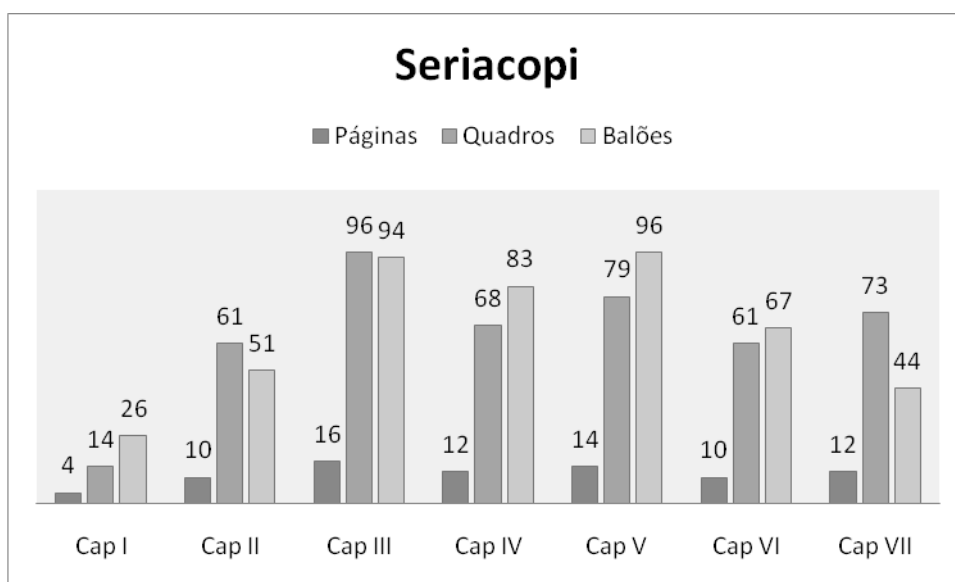
3. METODOLOGIA

A obra *Noite na taverna*, de Álvares de Azevedo, pode ser classificada como uma obra de contos, havendo uma narrativa que une todas as histórias. No primeiro capítulo da obra, intitulado por *Uma noite do século*, um narrador em 3ª pessoa faz a apresentação do ambiente: uma taverna, na qual alguns homens conversam e bebem. Cada um conta um episódio de sua vida, de modo que tais episódios constituem capítulos, que levam o nome do narrador-personagem, contendo o total de 07 (sete) capítulos: Capítulo I – Uma noite no século, Capítulo II – Solfieri, Capítulo III – Bertram, Capítulo IV – Gennaro, Capítulo V – Claudius Hermann, Capítulo VI – Johann, Capítulo VII – Último beijo de amor, sendo o último capítulo uma espécie de ação que ocorre na taverna, em forma de desfecho do penúltimo capítulo, dando unidade à obra.

A obra *Noite na taverna*, de Álvares de Azevedo, foi parafraseada em duas versões em HQs, de Seriacopi (2011) e Patati (2013). A HQ de Patati difere da obra de Seriacopi porque ao invés de haver apenas um quadrinista, há para cada conto (capítulo) um quadrinista distinto, exceto com relação ao primeiro e último capítulos, em que fica por conta do organizador. Vale salientar que o título do primeiro capítulo da HQ de Patati ficou oculto, enquanto houve a reprodução *ipsis litteris* da versão em HQ de Seriacopi.

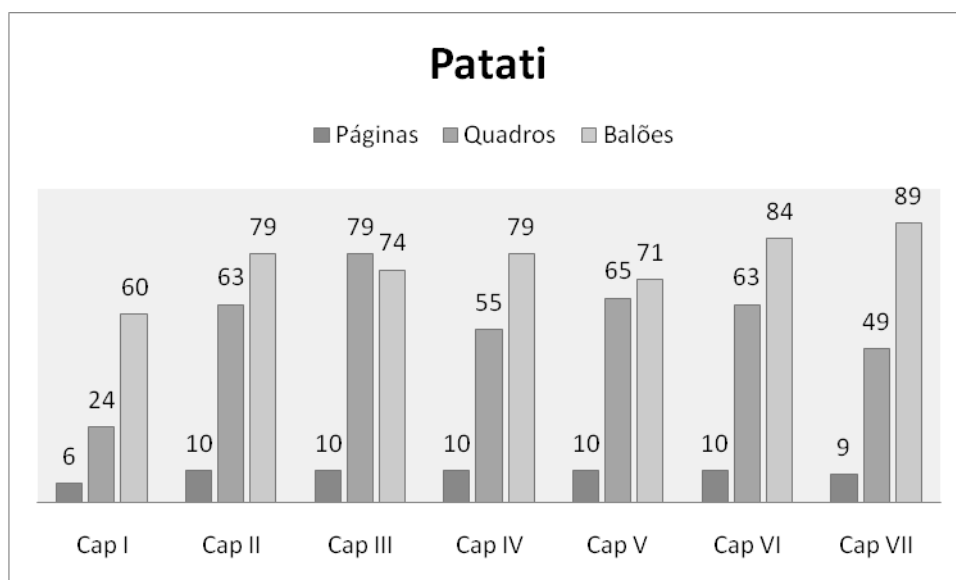
A seguir, apresentamos a quantidade de quadros e balões das versões em HQ de Seriacopi e Patati contidos em cada página, divididos por cada capítulo:

Gráfico 1 – Representação da quantidade de páginas, quadros e balões das versões em HQ de Seriacopi



Fonte: Elaboração nossa

Gráfico 2 - Representação da quantidade de páginas, quadros e balões das versões em HQ de Patati



Fonte: Elaboração nossa

Há o total de 47 (quarenta e sete) páginas na versão original de Álvares de Azevedo (2005); 95 (noventa e cinco) páginas da versão de Reinaldo Seriacopi (2011) contando com informações intituladas “bônus” (que apresenta a biografia dos quadrinistas, curiosidades históricas sobre os costumes e cenários da obra de Álvares de Azevedo, e os segredos da adaptação através do *making off* da HQ); e 87 (oitenta e sete) páginas da versão de Carlos Patati (2013) que expõe, nas últimas páginas, a biografia de Álvares de Azevedo, e a explanação e curiosidades sobre o livro *Noite na Taverna* de Álvares de Azevedo. Conforme os Gráficos 1 e 2 apresentados acima, enquanto em Seriacopi (2011) houve uma oscilação de quantidade páginas em cada capítulo, em Patati (2013) houve a tentativa de padronizar 10 páginas por capítulo, divergindo apenas do primeiro e do último capítulos que realizam a introdução e o desfecho dos contos, esta padronização pode gerar problemas já que na obra *Noite na Taverna* de Álvares de Azevedo alguns capítulos são mais extensos do que outros, e havendo essa padronização por quantidade de páginas, há a perda de uma grande parte da história. Já a quantidade de quadros e balões a priori não segue nenhuma padronização, seja em Seriacopi, seja em Patati. Salientamos que estes últimos dados tratam-se apenas de uma informação metodológica que não será analisada neste trabalho, uma análise desse escopo (texto completo) demandaria como aporte teórico os trabalhos de Sant’Anna (2003) e Genette (2006), por exemplo.

Vale ressaltar também que aspectos como as informações visuais contidas nos HQs

não serão consideradas neste trabalho, tais como: cor do texto, tamanho e tipo de fonte, presença ou ausência de palavras em itálico, negrito e sublinhado, representação imagética das personagens, ou seja, será relevante apenas a composição textual contida nos balões de fala.

Foram selecionadas as paráfrases da obra *Noite na Taverna* de Álvares de Azevedo (2005) nas adaptações em HQ de Seriacopi (2011) e Patati (2013), para a realização da análise a partir das categorias de Fuchs (1985): perspectiva lógica da equivalência, perspectiva gramatical da sinonímia e perspectiva retórica da reformulação; e de Fuchs (1984) *apud* Duarte (2003): plano locutivo, plano referencial, plano pragmático e plano simbólico.

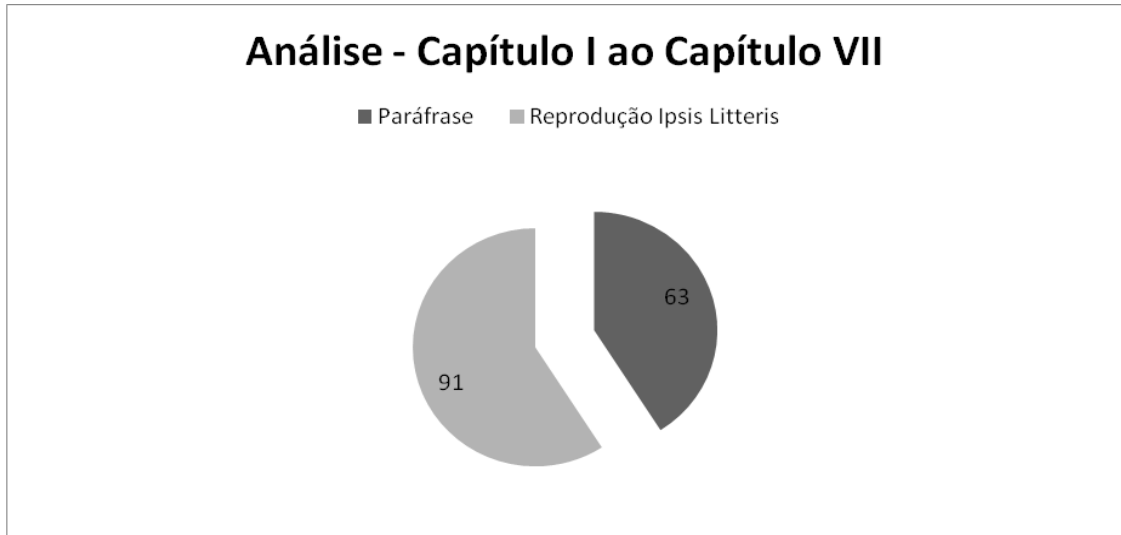
Inicialmente, foi realizada a leitura da obra original *Noite na taverna*, de Álvares de Azevedo (2005) e, posteriormente, a leitura das duas adaptações em HQ de Seriacopi (2011) e Patati (2013). Após a leitura das obras, foi feita a comparação dos conteúdos contidos nos balões dos HQs com a obra original; inicialmente, a comparação foi feita a partir do conteúdo integral do balão e as sentenças correspondentes ao conteúdo, sendo necessário realizar, posteriormente, o recorte apenas das sentenças, quando necessário.

Feita a comparação e o recorte das sentenças das obras, foi realizada a separação: a) das reproduções *ipsis litteris*, b) das paráfrases propriamente ditas, c) dos casos em que houve a subversão do sentido original, d) e dos casos em que houve um desdobramento (acréscimo), ou seja, nos casos em que os autores das HQs incluíam conteúdos que não estavam no original, mas que não influenciaram no sentido. Após este levantamento de dados, foi feita a análise das paráfrases propriamente ditas conforme as perspectivas e os planos de Fuchs (1985) e Fuchs (1984) *apud* Duarte (2003). Para realizar a análise foi criado um quadro em que constavam, respectivamente, três versões (HQ de Seriacopi, Obra original de Azevedo e HQ de Patati), para melhor visualização. A versão original permaneceu no centro do quadro, as paráfrases do lado esquerdo e direito e as análises ao lado de cada versão, sendo um total de 176 sentenças no original que foram parafraseadas e que houve tentativa de paráfrase.

Apresentaremos a seguir os seguintes gráficos: Gráfico 3 – Comparativo das paráfrases com as reproduções *ipsis litteris* em Seriacopi; Gráfico 4 – Comparativo das paráfrases com as reproduções *ipsis litteris* em Patati; Gráfico 5 – Representação da quantidade de perspectiva lógica da equivalência, perspectiva gramatical da sinonímia, perspectiva retórica da reformulação do capítulo I ao VII em Seriacopi; Gráfico 6 – Representação da quantidade de planos locutivos, planos referenciais, planos pragmáticos e planos simbólicos do capítulo I ao VII em Seriacopi; Gráfico 7 – Representação da

quantidade de perspectiva lógica da equivalência, perspectiva gramatical da sinonímia, perspectiva retórica da reformulação do capítulo I ao VII em Patati; Gráfico 8 – Representação da quantidade de planos locutivos, planos referenciais, planos pragmáticos e planos simbólicos do capítulo I ao VII em Patati.

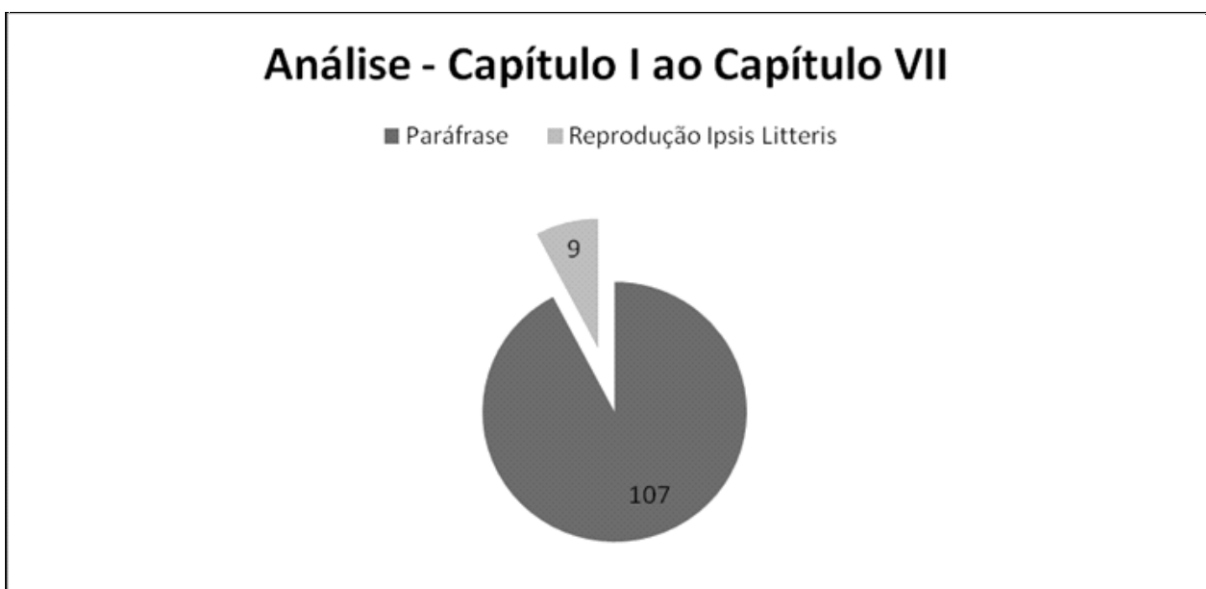
Gráfico 3 – Comparativo das paráfrases com as reproduções *ipsis litteris* em Seriacopi



Fonte: Elaboração nossa

Conforme Gráfico 3 – Comparativo das paráfrases com as reproduções *ipsis litteris* em Seriacopi, podemos observar que 40,91% correspondente a 63 sentenças retiradas do capítulo I ao Capítulo VII do HQ são consideradas ocorrências parafrásticas; e 59,09%, correspondente a 91 sentenças, relaciona-se à reprodução *ipsis litteris*. Vale ressaltar que também foram consideradas como reproduções *ipsis litteris* as sentenças com divergência em relação a pontuações, presença ou ausência de vírgulas, exclamação, ponto final, etc.

Gráfico 4 – Comparativo das paráfrases com as reproduções *ipsis litteris* em Patati



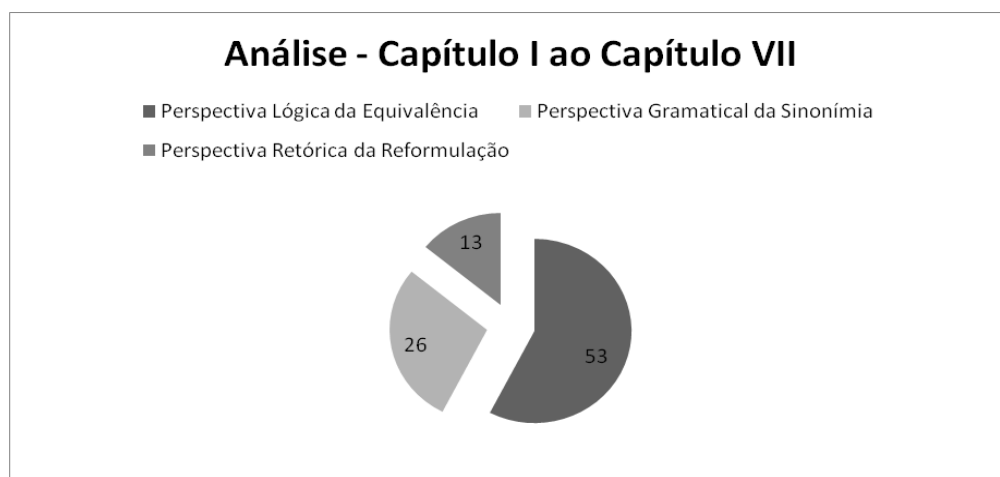
Fonte: Elaboração nossa

Conforme o Gráfico 4 – Comparativo das paráfrases com as reproduções *ipsis litteris* em Patati, podemos observar que 92,24% correspondente a 107 sentenças retiradas do capítulo I ao Capítulo VII do HQ são consideradas ocorrências parafrásticas, e apenas 7,76%, correspondente a 9 sentenças, relaciona-se a reprodução *ipsis litteris*. Vale ressaltar que, bem como em Seriacopi, também foram consideradas como reproduções *ipsis litteris* as sentenças com divergência em relação a pontuações, presença ou ausência de vírgulas, exclamação, ponto final, etc. Realizamos também a análise capítulo por capítulo.

Observamos que a HQ de Seriacopi é uma versão que tenta ser mais fidedigna à obra original havendo, portanto, uma quantidade inferior de paráfrases, logo, torna-se mais voltada para um público adulto, contando inclusive com quadrinhos padronizados do início ao fim em preto e branco, já na HQ de Patati havia uma quantidade maior de paráfrases, afinal, esta HQ foi um trabalho realizado por vários quadrinistas no qual houve a distinção de cores e modelos de desenhos dos quadrinhos, diferente da obra de Seriacopi, em Patati as personagens era coloridas, além disso, a partir da interpretação do autor e reprodução do texto contando com um contexto mais contemporâneo, esta obra torna-se mais voltada para um público juvenil.

Após realizar o levantamento de dados das reproduções *ipsis litteris* e das paráfrases, realizamos as análises das ocorrências nas respectivas perspectivas de Fuchs (1985): lógica da equivalência, gramatical da sinonímia, retórica da reformulação, conforme o Quadro 2, e os respectivos planos: locutivo, referencial, pragmático, simbólico, discutidos em Fuchs (1984) *apud* Duarte (2003). A seguir apresentaremos os gráficos conforme cada Perspectiva e cada plano, tanto na HQ de Seriacopi, como na HQ de Patati. É válido ressaltar que estas não são categorias consideradas de análise, logo, são chamadas de perspectivas e planos, mas vão auxiliar no processo de análise deste trabalho.

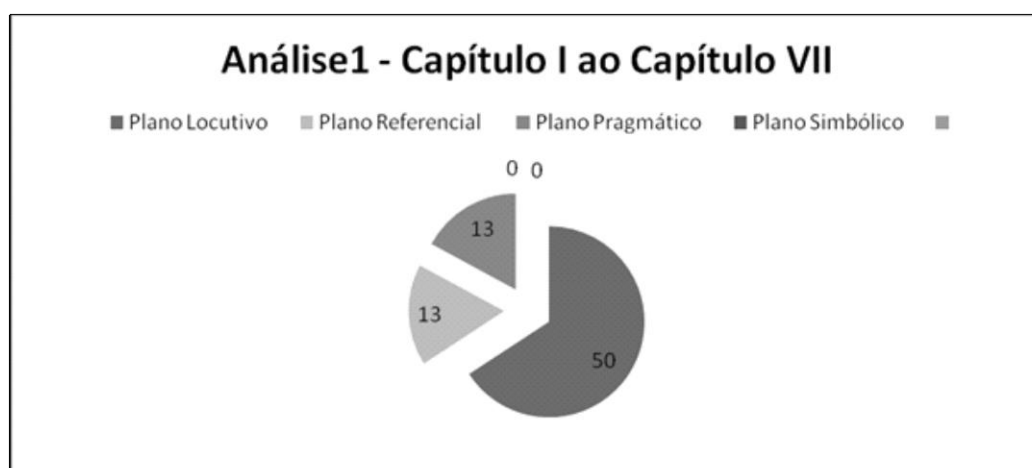
Gráfico 5 – Representação da quantidade de perspectiva lógica da equivalência, perspectiva gramatical da sinonímia, perspectiva retórica da reformulação do capítulo I ao VII em Seriacopi



Fonte: Elaboração nossa

Conforme Gráfico 5 - Representação da quantidade de perspectiva lógica da equivalência, perspectiva gramatical da sinonímia, perspectiva retórica da reformulação do capítulo I ao VII em Seriacopi, podemos observar do capítulo I ao VII da versão em HQ de Seriacopi foi possível analisar que 57,61% equivalente a 53 paráfrases são relacionados a perspectiva lógica da equivalência; 28,26% equivalente a 26 paráfrases são relacionadas a perspectiva gramatical da sinonímia; e 14,13% equivalente a 13 paráfrases são relacionadas a perspectiva retórica da reformulação.

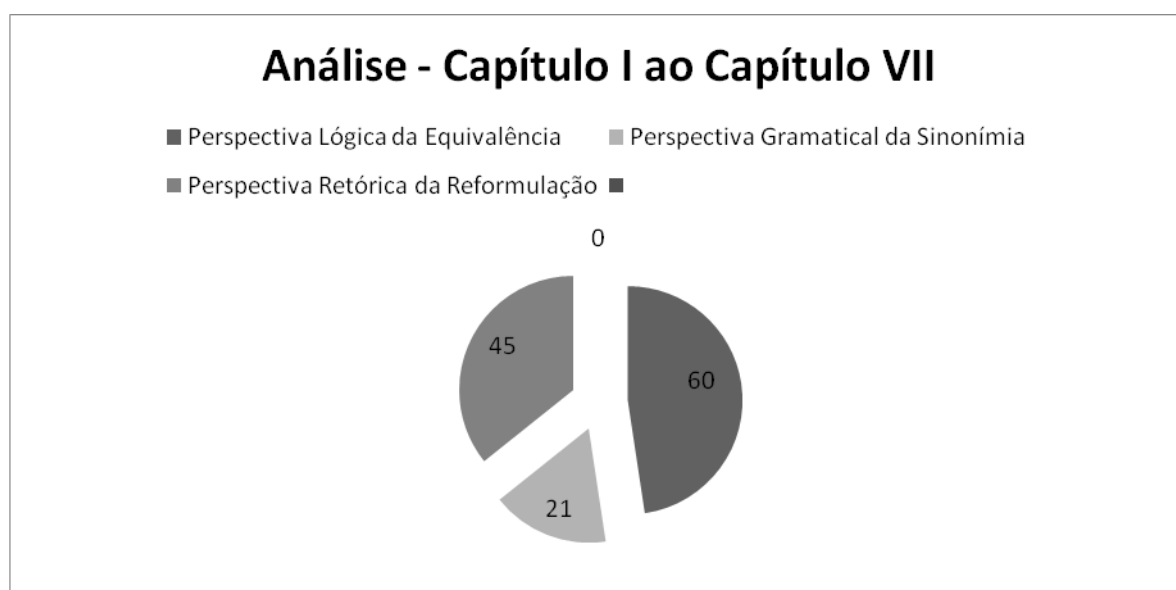
Gráfico 6 - Representação da quantidade de planos locutivos, planos referenciais, planos pragmáticos e planos simbólicos do capítulo I ao VII em Seriacopi



Fonte: Elaboração nossa

No Gráfico 6 - Representação da quantidade de planos locutivos, planos referenciais, planos pragmáticos e planos simbólicos do capítulo I ao VII em Seriacopi podemos observar a análise do capítulo I ao VII da HQ de Seriacopi no qual conta que relacionado ao plano locutivo há 65,79% correspondente a 50 paráfrases no plano locutivo; 17,11% correspondente a 13 paráfrases no plano referencial; 17,11% correspondente a 13 paráfrases no plano pragmático e nenhuma paráfrase no plano simbólico.

Gráfico 7 – Representação da quantidade de perspectiva lógica da equivalência, perspectiva gramatical da sinonímia, perspectiva retórica da reformulação do capítulo I ao VII em Patati

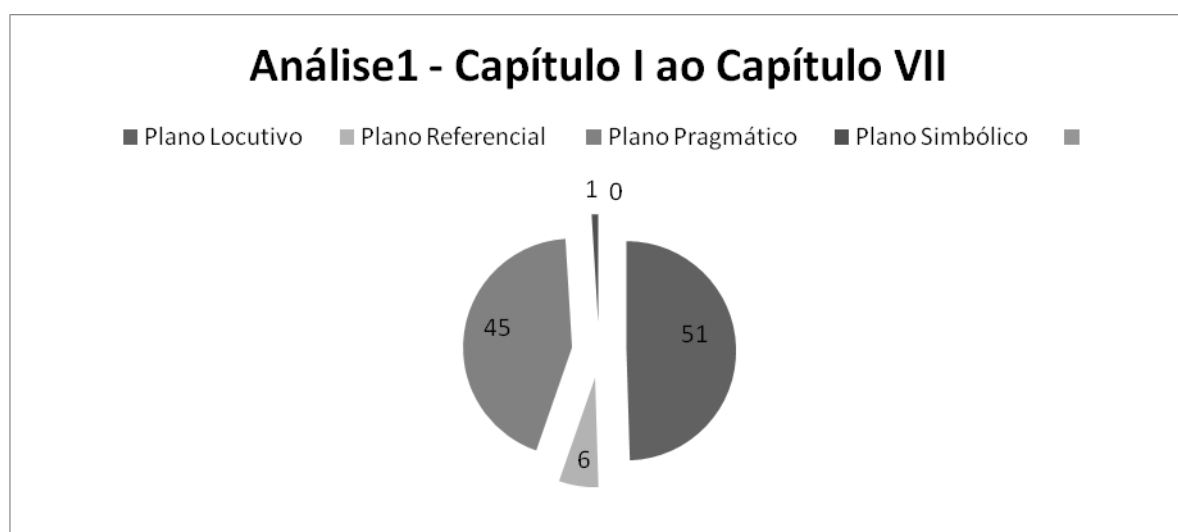


Fonte: Elaboração nossa

Conforme Gráfico 7 - Representação da quantidade de perspectiva lógica da equivalência, perspectiva gramatical da sinonímia, perspectiva retórica da reformulação do

capítulo I ao VII em Patati, podemos observar do capítulo I ao VII da versão em HQ de Patati foi possível analisar que 47,62% equivalente a 60 paráfrases são relacionados a perspectiva lógica da equivalência; 21,67% equivalente a 21 paráfrases são relacionadas a perspectiva gramatical da sinonímia; e 37,71 % equivalente a 45 paráfrases são relacionadas a perspectiva retórica da reformulação.

Gráfico 8 – Representação da quantidade de planos locutivos, planos referenciais, planos pragmáticos e planos simbólicos do capítulo I ao VII em Patati



Fonte: Elaboração nossa

No Gráfico 8 - Representação da quantidade de planos locutivos, planos referenciais, planos pragmáticos e planos simbólicos do capítulo I ao VII em Patati, podemos observar a análise do capítulo I ao VII da HQ de Patati no qual conta que relacionado ao plano locutivo há 47,66%, correspondente a 51 paráfrases, no plano locutivo; 5,61%, correspondente a 6 paráfrases, no plano referencial; 42,06%, correspondente a 45 paráfrases, no plano pragmático e 4,67%, correspondente a 5 paráfrases, no plano simbólico.

Neste capítulo apresentamos a metodologia adotada neste trabalho, englobando, desde o processo de leituras iniciais, até a análise dos dados através de gráficos. A seguir apresentaremos a análise a partir das perspectivas propostas por Fuchs (1985) e dos planos propostos por Fuchs (1982, *apud* Duarte 2013).

4. ANÁLISE

Para realizar a análise dos *corpora* das paráfrases nas adaptações em HQ de Seriacopi (2011) e Patati (2013) da obra *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo, partimos das categorias definidas por Fuchs (1985) e Fuchs (1984) *apud* Duarte (2003). A análise está orientada a partir das seguintes perspectivas: lógica da equivalência, gramatical da sinonímia, retórica da reformulação; bem como os planos: locutivo, referencial, pragmático e simbólico. Antes disso se faz necessário ilustrar exemplos de representação *ipsis litteris* que estiveram presentes conforme visto na seção de metodologia.

4.1. Reprodução *Ipsis Litteris*

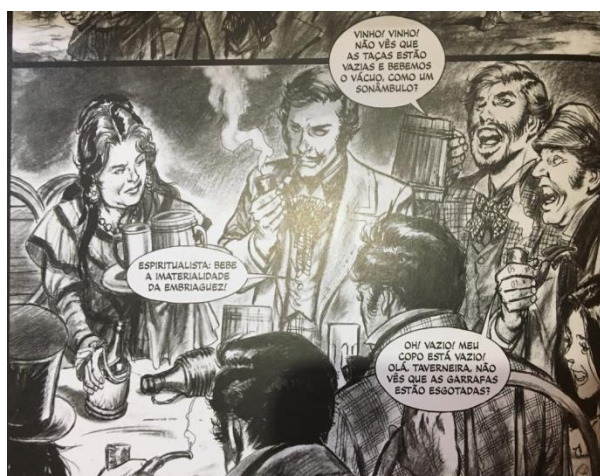


Imagem 01 – Uma noite do século (retirado da versão em HQ de Seriacopi, 2011, p. 6)

(52) a.Espiritualista, bebe a imaterialidade da embriaguez!(AZEVEDO, 2005, p. 3)

b.Espiritualista: bebe a imaterialidade da embriaguez! (SERIACOPI, 2011, p. 6)

Neste primeiro exemplo, retirado da versão de Seriacopi (2011), do primeiro capítulo, intitulado de *Uma noite do século*, ocorre o que chamamos de reprodução *ipsis litteris* (quando o texto é transcrito fielmente ao original) o qual, conforme os Gráficos 3 e 4, páginas 33 – 34, tiveram um número significativo de ocorrências. No original (52a), há a presença da vírgula, enquanto em (52b) há a substituição da vírgula pelos dois pontos. Todavia, não consideramos que esta mudança seja uma paráfrase, pois não há modificação da sentença. A seguir, apresentaremos a análise a partir da perspectiva lógica da equivalência.

4.2. Perspectiva Lógica Da Equivalência

Os exemplos a seguir podem ser explicados a partir da perspectiva lógica da equivalência por compartilharem uma propriedade lógica em comum (FUCHS, 1985, 130), ou seja, mesmo havendo alguma mudança nos sintagmas, as sentenças continuam equivalentes. Corresponde ao que na semântica formal muitas vezes é chamado de sinonímia de conteúdo. Podemos recorrer a Cançado (2008, p. 43) para explicar melhor a ocorrência da sinonímia de conteúdo: a sentença (a) é sinônima da sentença (b), quando (a) acarretar (b) e (b) acarretar (a), logo as sentenças (a) e (b) são verdadeiras nas mesmas circunstâncias.

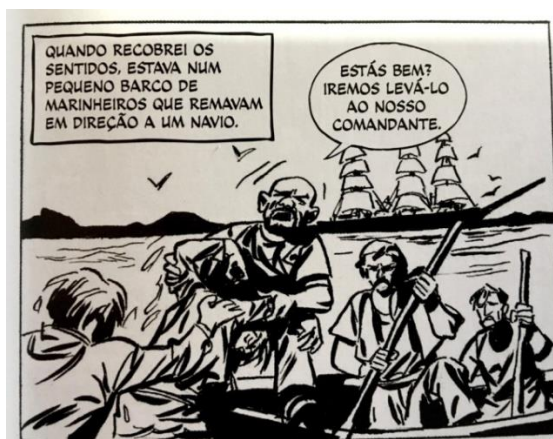


Imagem 02 Bertram (retirado da versão em HQ de Seriacopi, 2011, p. 25)

- (53) a. Quando recobrei os sentidos estava num escaler de marinheiros que remavam mar em fora (AZEVEDO, 2005, p. 12)
 b. Quando recobrei os sentidos, estava num pequeno barco de marinheiros que remavam em direção a um navio (SERIACOPI, 2011, p. 25)

Neste exemplo, retirado do terceiro capítulo – *Bertram*, a personagem principal do conto estava na Itália, e após saciar-se de vinho e mulheres decidiu suicidar-se, pulando no mar, foi socorrido, mas apertou tanto a pessoa que estava socorrendo-o que sem querer o matou, e cansado do esforço desmaiou, ao acordar, estava num escaler de marinheiros no mar. Supondo que ao invés de utilizar a palavra “escaler” no original (53a), usemos o sintagma “pequeno barco” usado em (53b), essa substituição nos faz perceber que a escolha entre a palavra “escaler” e o sintagma “pequeno barco” não sofrerá alteração substancial de sentido. Logo, conforme Ilari (2014) e Ilari e Gerdali (1990) (53a) e (53b) são paráfrases porque os termos sinônimos podem ser substituídos no contexto da sentença, sem que essa passe de falsa a verdadeira, ou vice-versa.



Imagem 03 – Solfieri (retirado da versão em HQ de Patati, 2013, p. 21)

- (54) a. Serás acaso roubador de cadáveres? (AZEVEDO, 2005, p. 8)
 b. Você é um ladrão de cadáveres? (PATATI, 2013, p. 21)

No exemplo (54), retirado do segundo capítulo – *Solfieri*, a personagem principal é surpreendida por policiais que perguntam o motivo de Solfieri estar levando uma moça morta em seus braços, o rapaz nega estar roubando um cadáver e afirma estar levando sua esposa que apenas dorme, Solfieri consegue livrar-se dos policiais, pois a moça sofria de catalepsia, o que no momento fez com que os policiais acreditassem que a moça apenas dormia. Neste exemplo há a permuta do sintagma “roubador de cadáveres” por “ladrão de cadáveres”, logo, podemos considerá-lo no âmbito da perspectiva lógica da equivalência, pois ambas são verdadeiras nas mesmas circunstâncias, tendo em vista que a verdade de (54a) implica a verdade de (54b), isto é, a sentença (54a) é sinônima de conteúdo da sentença (54b). Explicaremos a seguir a análise com base na perspectiva gramatical da sinonímia.

4.3. Perspectiva Gramatical Da Sinonímia

Os exemplos a seguir podem ser explicados mediante a perspectiva gramatical da sinonímia, que se dá quando a paráfrase ocorre no plano sentencial, isto é, quando há a semelhança de significados entre as sentenças, proferem a mesma coisa (OLIVEIRA (2008); DUARTE, (2003)). Perini (2009) é citado por Duarte (2003) no que diz respeito ao conceito

de paráfrase se aproximar da noção de correspondência, servindo para descrever relações formais entre estruturas sintáticas diferentes. Conforme Ilari e Geraldi (1990, p. 48) e Ilari (2014, p. 151) a perspectiva gramatical da sinonímia ocorre quando há a mudança de combinação de sintagmas e a substituição de palavras por outras palavras da mesma família semântica em uma sentença.



Imagem 04 – Gennaro (retirado da versão em HQ de Patati, 2013, p. 39)

- (55) a. ...eu sou pintor (AZEVEDO, 2005, p. 20)
 b. É que eu sou pintor! (PATATI, 2013, p. 39)

O exemplo acima se encontra no IV capítulo – *Gennaro*, no qual apresenta o início da sua história, ao afirmar que se envolveu, não apenas com uma mulher, mas sim com duas delas. Gennaro apresenta Godofredo Walsh, homem do qual foi aprendiz, e se apresenta aos amigos como pintor. Este exemplo se aplica a que Perini classifica como correspondência total, quando a forma A e a forma B são totalmente correspondentes, o exemplo (55) se encaixa no que chamamos, de acordo com Perini (2009), de clivagem, em que a oração de (55b) começa com o verbo ser, no mesmo tempo em que está o verbo da oração primitiva, seguido do item *que* em que difere do original (55a) apenas o sintagma “É que”.



Imagem 05 – Último beijo de amor (retirado da versão em HQ de Patati, 2013, p. 80)

(56) a. Minhas ilusões de amante e as noites malditas da crápula, e o tédio que me inspiravam aqueles beijos frios das vendidas que me beijavam (AZEVEDO, 2005, p. 46)

b. Minhas ilusões de amante! As noites malditas e os beijos das vendidas! (PATATI, 2013, p. 80)

O exemplo (56) acima está contido no sétimo capítulo da obra de Azevedo intitulado de *Último beijo de amor*. Este é o capítulo do desfecho, no qual as personagens de toda a obra são reunidas dando unidade ao conto. No exemplo (56) ocorre o encontro de Geórgia¹³ com Arnold, em que ela conta que depois da decepção de achar que ele havia morrido no duelo, tornou-se prostituta e veio pedir um beijo de adeus, é quando Arnold tenta se explicar querendo contar suas histórias e suas ilusões. Podemos observar que (56b) corresponde ao original (56a), ocorrendo em (56b) a permuta do conetivo coordenativo da conjunção coordenada aditiva “e” pelo ponto de exclamação, a excisão do sintagma “da crápula, e o tédio que me inspiravam aqueles beijos frios”. Em ambos os exemplos há a permuta de palavras por palavras sinônimas, mas os sentidos permanecem, este é um caso de nominalização de acordo com Ilari e Geraldini (1990), quando corre a substituição de um verbo por um nome em “beijos frios das vendidas que me beijavam”, no caso, “beijavam” por “beijos das vendidas”. Explicaremos a seguir a perspectiva retórica da reformulação.

¹³ Na versão de Patati há a permuta da letra “i” pela letra “e” no nome Geórgia.

4.4. Perspectiva Retórica Da Reformulação

A perspectiva retórica da reformulação se dá a partir da interpretação e da percepção do enunciador, visto que cada um vê o texto de modo diferente, isto é, a partir da interpretação da visão do enunciador (FUCHS, 1982). Para entender a perspectiva retórica como reformulação faz-se necessário entender que essa perspectiva parte das construções enunciativas, discursivas e pragmáticas. A reformulação ocorre a partir da identificação da significação e da interpretação do texto-fonte, sendo reconstituído em um novo texto.



Imagem 06 – Bertram (retirado da versão em HQ de Seriacopi, 2011, p. 21)

(57) a) Logo que pude reduzir minha fortuna a dinheiro pu-la no banco de Hamburgo, e parti para Espanha (AZEVEDO, 2005, p. 10)

b) Depois de ter vendido os bens de herança, deposei toda a fortuna em um banco e voltei para a Espanha (SERIACOPI, 2011, p. 21)

No exemplo (57b), retirado do terceiro capítulo – *Bertram*, a personagem principal estava decidida a se casar com Ângela quando seu pai, no leito da morte, o chama para vê-lo antes de partir para sempre, em seu velório todos choravam a morte do pai de Bertram, ele também chorava, mas seu choro era de saudades de Ângela. Bertram vende seus bens de herança, deposita em um banco e retorna para Espanha. Em (57b) é realizada a interpretação do autor relativo à (57a), em que ocorre a reformulação da sentença, todavia, esta permanece

contextualizada quando em “Logo que pude reduzir minha fortuna a dinheiro” é substituída por “Depois de ter vendido os bens de herança”; no sintagma “a pu-la no banco de Hamburgo”, substituído por “depositei toda a fortuna em um banco” podemos ver a excisão de “Hamburgo” por parte de Patati; e em “e parti para Espanha” por “e voltei para a Espanha” fica explícita a reformulação, visto que “partir” não significa “voltar”.



Imagem 07 – Solfieri (retirado da versão em HQ de Patati, 2013, p. 23)

(58) a. Ria de um rir convulso como a insânia (...) (AZEVEDO, 2005, p. 8)

b.(...) quando ouvi aquele riso insano, dentro do quarto. (PATATI, 2013, p. 23)

No exemplo (58b) retirado do segundo capítulo – *Solfieri*, podemos acompanhar a história de Solfieri, ao contar que após ter levado a moça que sofria de catalepsia para o seu quarto, tendo tomado-a como morta, percebeu que ela começou a acordar no caminho, Solfieri apressou-se para chegar a sua casa, quando seus amigos chegam chamando-o para continuar a tomar vinho, Solfieri não permitiu que seus amigos vissem a moça e ao despistá-los meia hora mais tarde, se assustou ao entrar no quarto e encontrar a moça a sorrir com insânia. Na sentença (58b) podemos perceber que houve a interpretação do autor com relação ao original (58a) ao substituir o sintagma “rir convulso” por “riso insano”, supondo que realizemos a substituição de um sintagma pelo outro, a intenção do autor foi reproduzir o texto original, mas houve uma reformulação.



Imagem 08 – Bertram (retirado da versão em HQ de Patati, 2013, p. 35)

- (59) a. Uma prática do mar, uma lei do naufrágio – a antropofagia (AZEVEDO, 2005, p. 18)
- b. A antropofagia é um destino cruel (PATATI, 2013, p. 35)

No exemplo (59b) retirado do terceiro capítulo – *Bertram*, todos encontram-se em alto mar quando o navio é atacado por piratas e mesmo conseguindo fugir, a explosão causou fogo da pólvora do pirata que deixou o navio com grandes estragos. O navio encalhou num banco de areia, quando o capitão solicitou que os marinheiros construíssem uma jangada com a madeira disponível que encontrassem. Voltaram ao mar, mas a situação era crítica, em uma tempestade, cada onda levava um marinheiro, após a calmaria, restaram apenas cinco pessoas, tiveram de tirar a sorte para que alguém se sacrificasse pela sobrevivência dos outros, na hora da fome, ninguém se nega a comer, sendo a antropofagia um destino cruel. Enquanto em (59a) há uma construção enunciativa, em (59b) há a interpretação previa do texto-fonte, no qual parte a percepção de Patati ao reconstituir um novo texto com outro sentido.



Imagem 09 – Johann (retirado da versão em HQ de Patati, 2013, p. 64)

- (60) a. Senhores, não há pois meio de conciliar-vos? (AZEVEDO, 2005, p. 41)
 b. Não há maneira de vocês desistirem dessa bobagem? (PATATI, 2013, p. 64)

O exemplo (60b) consta no quarto capítulo intitulado de *Johann*. Neste conto Johann havia eliminado todos os adversários na mesa de sinuca, quando se depara com Artur¹⁴, mais jovem e ousado que todos os outros, o fato de Artur ser autoconfiante demais tirou a paciência de Johann e após insulto por insulto, quiseram resolver o problema sangue por sangue, marcaram o horário e local de duelo, quando um dos amigos perguntou se não seria possível se conciliarem, mas eles estavam resolvidos, iriam duelar. Se tentarmos substituir “conciliar-vos” pelo sintagma “desistirem dessa bobagem” percebemos que houve uma reformulação do autor, visto que o sintagma “desistirem dessa bobagem” não corresponde ao verbo conciliar, não trata-se de palavra/termo sinônimos. Explicaremos a seguir a análise a partir do plano locutivo.

4.5. Plano Locutivo

Para Duarte (2003), o plano locutivo é a chamada paráfrase, propriamente dita, que realiza uma decodificação alicerçada no sentido linguístico. O autor afirma que tanto as possibilidades de paráfrase como as variações semânticas são ilimitadas.

¹⁴

Na versão de Patati há a excisão da letra “h” no nome Arthur.

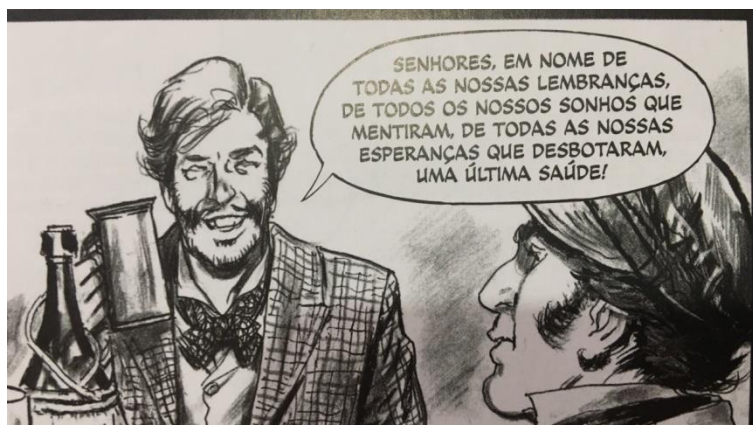


Imagem 10 – Uma noite do século (retirado da versão em HQ de Seriacopi, 2011, p. 7)

(61) a.Senhores, em nome de todas as nossas reminiscências, de todos os nossos sonhos que mentiram, de todas as nossas esperanças que desbotaram, uma última saúde! (AZEVEDO, 2005, p. 3-4)

b.Senhores, em nome de todas as nossas lembranças, de todos os nossos sonhos que mentiram, de todas as nossas esperanças que desbotaram, uma última saúde! (SERIACOPI, 2011, p. 7)

O exemplo (61b) encontra-se no primeiro capítulo intitulado de *Uma noite do século*. Todas as personagens estão reunidas na taverna, quando o vinho das garrafas esgota e eles solicitam a taverneira mais vinho, ao encher as garrafas, Solfieri convida os amigos a fazerem um brinde pelo momento de nostalgia. (61b) se encaixa no plano locutivo, pois há a substituição das palavras sinônimas “reminiscências” usada no original (61a) e “lembranças” usada em (61a), isto é, houve uma relação entre as palavras, conforme Ilari e Geraldi (1990), Ilari (2014) e Perini (1995), não havendo alteração de sentido, é considerado no plano locutivo, visto que se trata da paráfrase propriamente dita.



Imagem 11 – Claudius Hermann (retirado da versão em HQ de Patati, 2013, p. 52)

(62) a. Eu tinha dobrado minha fortuna (AZEVEDO, 2005, p. 29)

b. Dupliquei o capital (PATATI, 2013, p. 52)

O exemplo (62b) consta no capítulo cinco, intitulado de *Claudius Hermann*. Em (62) podemos acompanhar a história de Claudius Hermann, que sua paixão era o jogo, as corridas, sendo que ele não tinha pouco dinheiro podendo gastar o que quisesse, apostando, certa vez quase tudo num páreo só e tendo sorte, venceu, e conseguiu dobrar a fortuna. Neste exemplo apresentamos, ainda conforme Ilari e Geraldi (1990), a relação entre as palavras, em que não houve alteração de sentido. Em (62b) temos, as palavras “dobrado” e “fortuna”, correspondendo, respectivamente, ao original (62a) “dupliquei” e “capital”, os pares apresentados são palavras sinônimas: “dobrado” é sinônima de “dupliquei”; e “fortuna” é sinônima de “capital”. Explicaremos a seguir a análise do plano referencial.

4.6. Plano Referencial

Para Duarte (2003) o plano referencial relaciona-se com a identidade das referências, a partir da situação extralinguística e não simplesmente pela estrutura sintático-semântica. Um exemplo de quando a paráfrase ocorre no plano referencial é quando o locutor e alocutário correspondem às identidades compartilhadas. O autor salienta que é imprescindível haver conhecimento compartilhado entre os interlocutores com relação às identidades referenciais que são projetadas no discurso.



Imagem 12 – Gennaro (retirado da versão em HQ de Patati, 2013, p. 40)

- (63) a. Como eu o disse – o mestre tinha uma filha chamada Laura (AZEVEDO, 2005, p. 21)
- b. Como eu disse, Walsh tinha uma filha, a linda Laura (PATATI, 2013, p. 40)

O exemplo (63b) encontra-se no quarto capítulo – *Gennaro*. Neste conto, Gennaro conta como conheceu Godofredo Walsh e apresenta Laura, a filha do mestre, dizendo que a moça é linda. No exemplo (63) a paráfrase está constituída por uma expressão dêitica, pois em (63a) está apresentando o “mestre”, mas não está definindo-o. A frase (63a) pode ser interpretada pela frase (63b), isto é, a paráfrase está ancorada pelos, respectivamente, locutor e alocutário entre “mestre” e “Walsh”, que correspondem às identidades compartilhadas. Conforme Duarte (2003) a palavra “mestre”, em virtude de seus traços sêmicos [+ Masculino], [+3ª pessoa], [+ Singular], potencialmente evoca nomes em número ilimitado, sob essas condições semânticas, no caso Walsh.



Imagem 13 – Claudius Hermann (retirado da versão em HQ de Patati, 2013, p. 27)

(64) a. Foi ela, vós o sabeis, quem fez-me num dia ter três duelos com meus três melhores amigos (AZEVEDO, 2005, p. 9-10)

b. Duelei com três deles, por causa de Ângela... (PATATI, 2013, p. 27)

O exemplo (64b) consta no capítulo cinco, intitulado de *Claudius Hermann*. A personagem principal deste conto afirma que a causa dos seus maiores problemas foi uma mulher e apresenta Ângela, uma espanhola, que de acordo com as palavras de Claudius Hermann só com os olhos, era capaz de matar um homem do coração. Por isso, por causa desta mulher, Claudius duelou com três de seus melhores amigos. Assim como no exemplo anterior, no exemplo (64) a paráfrase está constituída por uma expressão dêitica, pois em (64a) está apresentando o pronome “ela”, mas não está definindo-o. A frase (64a) pode ser interpretada pela frase (64), isto é, a paráfrase está ancorada pelos, respectivamente, locutor e alocutário entre “ela” e “Ângela”, que correspondem às identidades compartilhadas. Para Duarte (2003) um pronome como *ela*, em virtude de seus traços sêmicos [+Feminino], [+3ª pessoa], [+ Singular], potencialmente evoca nomes em número ilimitado, sob essas condições semânticas, como neste caso, Ângela.



Imagem 14 – Johann (retirado da versão em HQ de Patati, 2013, p. 64)

- (65) a. Sabe-lo-eis no lugar (AZEVEDO, 2005, p.41)
 b. Lá você vai saber! (PATATI, 2013, p. 64)

O exemplo (65b) encontra-se no Capítulo VI – *Johann*. Podemos relembrar da história de Johann no exemplo (60b) no qual é relatado pela própria personagem que Artur¹⁵, por ser autoconfiante demais, foi o motivo que tirou a paciência de Johann na mesa de sinuca, e após se insultarem, quiseram resolver o problema com um duelo de morte. Johann pergunta quais serão as armas de Artur, e Artur responde que lá Johann saberá. Em (65b) a paráfrase está constituída por uma expressão dêitica, pois no original (65a) está apresentando o “lugar”, mas não está definindo-o. A frase (65a) pode ser interpretada pela frase (65b), isto é, a paráfrase está ancorada pelos, respectivamente, locutor e alocutário entre “lugar” e “lá”, que correspondem às identidades compartilhadas. Explicaremos a seguir a análise do plano pragmático.

4.7. Plano Pragmático

O plano pragmático, conforme Duarte (2003), é baseado nas intenções do locutor, no comprometimento do locutor com o ato de fala (valores ilocutórios – intenção, o que fazemos

¹⁵ Na versão de Patati há a excisão da letra “h” no nome Arthur.

ao dizer o que dizemos) e nos efeitos sobre o receptor (valores perlocucionários – efeito sobre o ouvinte, intencionalmente ou não), neste caso, deve-se considerar a intenção do locutor, assim como o efeito causado ao receptor.



Imagem 15 – Solfieri (retirado da versão em HQ de Patati, 2013, p. 24)

- (66) a. Solfieri, não é um conto isso tudo? (AZEVEDO, 2005, p. 9)
 b. Solfieri! Você não está exagerando, não? (PATATI, 2013, p. 24)

O exemplo (66b) foi retirado do segundo capítulo intitulado de *Solfieri*, no qual é relatada, por Solfieri, a história de quando, ao vagar pelas ruas de Roma, encontra uma capelinha aberta e se depara com a moça sendo velada. Solfieri diz que não se conteve e tomou a moça para si, quando ele descobre que ela sofria de catalepsia e leva-a para sua casa, após dois dias com febre e rindo insanamente, a moça morreu. Solfieri diz que enterrou a jovem, cujo nome nunca descobriu, embaixo de sua cama e dormiu em cima de sua laje por um ano. Após contar todos os detalhes da história, seus amigos o indagam se ele não está exagerando. Comparando (66b) ao original (66a) podemos perceber o valor ilocutório, ou seja, a intenção do locutor em (66b) “você não está exagerando, não?”, quando em (66a) é perguntado se a história contada por Solfieri não é um conto.



Imagem 16 – Uma noite do século (retirado da versão em HQ de Patati, 2013, p. 12)

(65) a. Do terror e que vem a crença em Deus! (AZEVEDO, 2005, p. 5)

b. Na hora do pavor, o camarada acredita em qualquer coisa que o tire dos apuros!

(PATATI, 2013, p. 12)

O exemplo (65b) encontra-se no primeiro capítulo, intitulado de *Uma noite do século*. Neste trecho todos estão bebendo na taverna, quando Solfieri chama para brindarem à imortalidade da alma. Um de seus amigos chama-o de insensato e pergunta se ele não acredita na existência de Deus. Solfieri responde que acredita sim em Deus, tanto quanto os náufragos e os encurralados, pois na hora do terror/pavor é que vem a crença em Deus. Em (65b) a intenção de Solfieri é dizer que na hora do medo, o homem acredita em qualquer coisa que o ajude a sair de uma situação complicada, no original (65a) o sentido é o mesmo, ao afirmar que a crença em Deus vem a partir do momento em que o homem se encontra numa situação complicada.



Imagem 17 – Gennaro (retirado da versão em HQ de Seriacopi, 2011, p. 37)

(66) a. Nauza tinha vinte – e eu tinha dezoito anos (AZEVEDO, 2005, p. 21)

b. Eu tinha 18 anos, quase a idade da mulher do mestre (SERIACOPI, 2011, p. 37)

O exemplo (66b) foi retirado do quarto capítulo – *Gennaro*. Neste conto, Gennaro começa apresentando Godofredo Walsh, um pintor que se casara em segundas núpcias com Nauza, uma beleza de 20 anos. Uns diziam que o casamento foi um amor artístico, outros acreditavam na paixão de Walsh por a moça que vivia de servir como modelo. O que acontece é que Gennaro se apaixonou por Nauza, assim como por Laura, a única filha do primeiro casamento do pintor. No exemplo (66b) percebemos que a intenção do locutor é reproduzir e explicar que era mais novo que Nauza, no original (66a) a intenção do locutor é apenas reforçar o que já havia sido dito antes e apresentar a sua idade com base na idade de Nauza. Explicaremos a seguir o plano simbólico.

4.8. Plano Simbólico

Conforme Duarte (2003, p. 249), no plano simbólico, a metáfora e a alegoria destacam-se neste tipo de paráfrase. A partir da analogia das metáforas é possível que sejam estabelecidas, em termos de equivalência semântica, esquemas actanciais.



Imagem 18 – Johann (retirado da versão em HQ de Patati, 2013, p. 63)

(67) a. - Agora a minha vez! Quero lançar também uma moeda em vossa urna: e o cobre azinhavrado do mendigo: pobre esmola por certo! (AZEVEDO, 2005, p. 40)

b. Eu também tenho meu caso para contar! (PATATI, 2013, p. 63)

O exemplo (67b) foi extraído do sexto capítulo intitulado de *Johann*. A personagem principal começa o diálogo dizendo que também tem um caso para contar. Este exemplo, se comparado ao original (67a), podemos perceber que se trata de uma metáfora, afinal, quando em (67a) Johann diz que quer lançar também uma moeda em vossa urna, ele está se referindo a sua história que ele também quer contar, quando em (67b) diz que também tem seu caso para contar. Com relação ao sintagma “pobre esmola por certo!” ele faz referência também a sua história, com a intenção de dizer não é uma história tão boa quanto as que já haviam sido contadas.

A seguir apresentaremos os seguintes tópicos: 4.9 Subversão do sentido original; e 4.10 Acréscimo, que apresentarão, respectivamente, casos em que houve a subversão do sentido original; e o desdobramento, isto é, a inclusão de conteúdos que não estavam no original, mas não influenciaram no sentido, vale salientar que em ambos os casos não há ocorrência de paráfrase.

4.9. Subversão Do Sentido Original

Na subversão do sentido original, os autores adicionaram informações com base no original que não correspondiam e o sentido mudou em algumas sentenças.

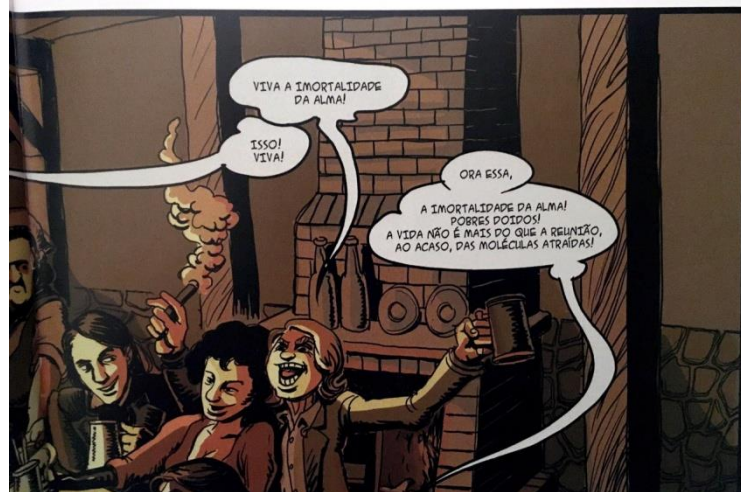


Imagem 19 – Uma noite do século (retirado da versão em HQ de Patati, 2013, p. 8)

- (68) a. Espiritualista, bebe a imaterialidade da embriaguez! (AZEVEDO, 2005, P. 11)
- b. Estamos só bebendo a alma dele, na nossa conversa espiritualista! (PATATI, 2013, p. 8)

Este exemplo (68) foi extraído do primeiro capítulo – *Uma noite do século*, retirado da versão de Patati (2013). Esta história já foi apresentada no exemplo (52) na seção Reprodução *ipsis litteris* de Seriacopi (2011). Estavam todos os amigos bebendo na taverna quando o vinho acabou, e eles solicitam a taverneira mais vinho dizendo que estão apenas bebendo a alma dele na conversa espiritualista. (68b) é um dos exemplos que identificamos neste trabalho como subversão do sentido original, visto que nos mostra que no original (68a) eles dizem que o que bebem é a imaterialidade da embriaguez, chamando-o de espiritualista, enquanto em (68b) buscou-se relacionar ao sentido do original, mas o sentido mudou, afinal em (68b) o que bebem é a alma dele, na conversa espiritualista, logo, (68b) não corresponde a “espiritualista” de (68a).

4.10. Acréscimo

No acréscimo, os autores realizaram, a partir do contexto, a interpretação e inseriram trechos que não fizeram com que mudasse o sentido das sentenças.



Imagem 20 – Solfieri (retirado da versão em HQ de Patati, 2013, p. 18)

- (69) a. Nos beijos das mulheres nada me saciava (AZEVEDO, 2005, p. 7)
 b. Nos beijos das mulheres que encontrava, nada me saciava (PATATI, 2013, p. 18)

Este último exemplo (69) foi retirado do segundo capítulo – *Solfieri*. A personagem principal conta que viu uma mulher numa janela solitária e escura, poucos minutos a mulher desapareceu no escuro e Solfieri escutou um canto melodioso que se derramava como um choro. Depois disso, o canto se calou e a mulher apareceu na porta e quando viu que não havia ninguém nas ruas, saiu. Solfieri a seguiu, chegaram até o cemitério, a moça andou por um longo tempo parou, ajoelhou-se e parecia chorar. Solfieri não sabe se adormeceu, sabe apenas que quando amanheceu se achou sozinho no cemitério. Solfieri ficou pensando na mulher e nos soluços do choro. Só voltou à Roma um ano depois, pois nenhuma mulher o saciava, ainda pensava naquela mulher. Além da subversão do sentido original, identificamos alguns exemplos que nos apresentam acréscimo por parte dos autores das HQs, que

reproduziram trechos acrescentando informações, com base no contexto do original. É o que ocorre em (69b), há o acréscimo do sintagma “que encontrava”. Encerramos a análise com apenas estes exemplos, para que em um próximo trabalho todas as paráfrases sejam analisadas.

5. CONCLUSÃO

Este trabalho foi desenvolvido inicialmente com pesquisas bibliográficas, a partir de pressupostos teóricos que abordaram as paráfrases conforme as perspectivas e os planos propostos por Fuchs (1985) e Fuchs (1982) *apud* Duarte (2003), tendo como objetivo analisar como a obra *Noite na Taverna* de Álvares de Azevedo (2005) foi parafraseada nas adaptações para HQ de Reinaldo Seriacopi (2011) e Carlos Patati (2013). As HQs supracitadas foram analisadas considerando a perspectiva lógica da equivalência, a perspectiva gramatical da sinonímia e a perspectiva retórica da reformulação (FUCHS, 1985). Além disso, foram analisados os seguintes planos de acordo com Fuchs (1982) *apud* Duarte (2003): locutivo, referencial, pragmático e simbólico. Vale salientar que tanto a versão de Seriacopi (2011) como a versão de Patati (2013), ainda não foram analisadas nesta perspectiva, tornando-se, portanto, relevante para o ambiente acadêmico. Além disso, abordar a paráfrase no âmbito da semântica e da pragmática enriqueceu este trabalho de forma significativa.

As adaptações para HQ de Reinaldo Seriacopi (2011) e Carlos Patati (2013) da obra *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo, foram o objeto de nossa análise. O objetivo geral deste trabalho analisa como a obra *Noite na Taverna* de Álvares de Azevedo (2005) foi parafraseada nas adaptações para HQ de Seriacopi (2011) e Patati (2013), levando-se em consideração as perspectivas teóricas Fuchs (1985) e Fuchs (1982) *apud* Duarte (2003).

As estratégias de elaboração de paráfrases são distintas nas duas adaptações de HQ de Seriacopi (2011) e Patati (2013) da obra *Noite na Taverna* de Álvares de Azevedo (2005). Na obra de Seriacopi (2011), ao invés de haver apenas um quadrinista, há para cada conto (capítulo) um quadrinista distinto, exceto com relação ao primeiro e último capítulos, em que ficaram por conta do organizador. Já na HQ de Patati, o título do primeiro capítulo ficou oculto, e os capítulos seguintes reproduziram os títulos dos originais.

Enquanto em Seriacopi (2011) houve uma oscilação de quantidade páginas em cada capítulo, em Patati (2013) houve a tentativa de padronizar 10 páginas por capítulo, divergindo apenas do primeiro e do último capítulos que realizam a introdução e o desfecho dos contos. Esta padronização pode gerar problemas já que na obra *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo, alguns capítulos são mais extensos do que outros e, havendo essa padronização por quantidade de páginas, há a perda de uma grande parte da história. Já a quantidade de quadros e balões a priori não segue nenhuma padronização, seja em Seriacopi, seja em Patati.

Poderemos realizar a continuidade deste trabalho, ao analisar todas as paráfrases que foram retiradas dos HQs, visto que foi realizada uma coleta no total de 22 seleções divididas em: reprodução *ipsis litteris*, perspectiva lógica da equivalência, perspectiva gramatical da sinonímia e perspectiva retórica da reformulação, plano locutivo, plano referencial, plano pragmático e plano simbólico, subversão do sentido original e acréscimo. Além disso, será possível realizar uma análise a partir da visão semiótica, tendo em vista que este trabalho não abrangeu os desenhos contidos nos quadrinhos.

6. REFERÊNCIAS

- AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**: palavras e ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- CANÇADO, Márcia. **Manual de Semântica**: noções básicas e exercícios. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. 1 ed., 1ª Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.
- DUARTE, Paulo Mosânio Teixeira. Elementos para o estudo da paráfrase. **Revista Letras**, Curitiba, n. 59, p. 241-259, jan/jun. 2003.
- FUCHS, Catherine. A paráfrase lingüística: equivalência, sinonímia ou reformulação? **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Nº 8, 1985. p. 129-134.
- GENETTE, Gerard. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. Edições viva voz: Belo Horizonte, 2006.
- ILARI, Rodolfo. **Introdução à semântica**: brincando com a gramática. 8 ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.
- ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. **Semântica**. São Paulo: Ática, 1990.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. 22ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2001.
- MARQUES, Maria Helena Duarte. **Iniciação à Semântica**. 7 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2011.
- OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Manual de Semântica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2009.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, Paráfrase & Cia**. 7ª edição. 5ª reimpressão, Editora Ática. São Paulo: 2003.
- TAMBA, Irène. **A semântica**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

7. REFERÊNCIAS DOS *CORPORA* DE ANÁLISE

AZEVEDO, Álvares de. **Noite na Taverna**. Belo Horizonte: CEDIC – Centro Difusor de Cultura, 2005.

PATATI, Carlos. **Noite na Taverna**. Histórias em quadrinhos. São Paulo: Editora DCL, 2013.

SERIACOPI, Reinaldo. **Noite na Taverna**. Clássicos Brasileiros em HQ. 1. ed. São Paulo: Ática, 2011.

8. APÊNDICE

Tabela 1 – Levantamento e análise de todas as paráfrases e reproduções *ipsis litteris* contidas no original *Noite na Taverna* de Álvares de Azevedo

(Reinaldo Seriacopi, 2011)		ORIGINAL (Álvares de Azevedo)	(Carlos Patati, 2013)	
ANÁLISE	Capítulo I – Uma Noite do Século	Capítulo I – Uma Noite do Século	∅	ANÁLISE
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Vinho! Vinho! (2011, p. 6)	Vinho! Vinho! (2005, p. 3)	Vinho! Mais vinho! (2013, p. 7)	Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Pragmático
Reprodução <i>ipsis litteris*</i>	Espiritualista: bebe a imaterialidade da embriaguez! (2011, p. 6)	Espiritualista, bebe a imaterialidade da embriaguez! (2005, p. 3)	Estamos só bebendo a alma dele, na nossa conversa espiritualista! (2013, p. 8)	Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Pragmático
Perspectiva Gramatical da Sinonímia Plano Locutivo	Oh! Vazio! Meu copo está vazio! (2011, p. 6)	Oh! Vazio meu copo está vazio! (2005, p. 3)	Acabou o que havia no meu copo (2013, p. 8)	Perspectiva Gramatical da Sinonímia Plano Pragmático
Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Pragmático	O vinho acabou-se nos copos, mas o fumo ondula ainda nos cachimbos. (2011, p. 7)	O vinho acabou-se nos copos, Bertram, mas o fumo ondula ainda nos cachimbos! (2005, p. 3)	∅	∅
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Após os vapores do vinho, os vapores da	Após os vapores do vinho os vapores da	∅	∅

	fumaça! (2011, p. 7)	fumaça! (2005, p. 3)		
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Senhores, em nome de todas as nossas lembranças, de todos os nossos sonhos que mentiram, de todas as nossas esperanças que desbotaram, uma última saúde! (2011, p. 7)	Senhores, em nome de todas as nossas reminiscências, de todos os nossos sonhos que mentiram, de todas as nossas esperanças que desbotaram, uma última saúde! (2005, p. 3-4)	∅	∅
Perspectiva gramatical da sinonímia / Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo	Ao fumo das Antilhas e à imortalidade da alma! (2011, p. 7)	(...) ao fumo das Antilhas, a imortalidade da alma! (2005, p. 4)	Viva o fumo das Antilhas! (2013, p. 9)	Perspectiva lógica da equivalência Plano Pragmático
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Bravo! Bravo! (2011, p. 7)	Bravo! Bravo! (2005, p. 4)	Bravo! Bravo! (2013, p. 10)	Reprodução <i>ipsis litteris</i>
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Calai-vos, malditos! A imortalidade da alma? Pobres doidos! (2011, p. 7)	Calai-vos, malditos! A imortalidade da alma? Pobres doidos! (2005, p. 4)	∅	∅
Perspectiva gramatical da sinonímia /	Porque a alma é bela! (2011, p. 8)	(...) e porque a alma é bela! (2005, p. 4)	∅	∅

Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo				
Perspectiva Lógica da equivalência Plano Locutivo	Por que a alma é bela, não podeis crer que ela morra? Doidos! (2011, p. 8)	E porque a alma é bela, porque não concebeis que esse ideal possa tornar sem lodo e podridão (...) não podeis crer que ele morra? Doidos! (2005, p. 4)	∅	∅
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Imortalidade da alma! (2011, p. 8)	Imortalidade da alma! (2005, p. 4)	Viva a imortalidade da alma! (2013, p. 11)	Perspectiva lógica da equivalência Plano Pragmático
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Oh! Não mil vezes!	Oh! Não mil vezes!	∅	∅
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	A alma não é como a lua, sempre moça, nua e bela em sua virgindade eterna! (2011, p. 8)	A alma não e, como a lua, sempre moça, nua e bela em sua virgindade eterna! (2005, p. 4)	∅	∅
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	A vida não é mais que a reunião ao acaso das moléculas atraídas (2011, p. 8)	A vida não é mais que a reunião ao acaso das moléculas atraídas (2005, p. 4)	A vida não é mais do que a reunião, ao acaso, das moléculas atraídas! (2013, p. 11)	Reprodução <i>ipsis litteris</i>
Reprodução <i>ipsis</i>	Solfieri! És um	Solfieri! És um	Deixa de ser	Perspectiva lógica

<i>litteris</i>	insensato! (2011, p. 8)	insensato! (2005, p. 4)	insensato, Solfieri! (2013, p. 11)	da equivalência Plano Pragmático
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	O materialismo é árido como o deserto, é escuro como um túmulo! (2011, p. 8)	O materialismo é árido como o deserto, e escuro como um túmulo! (2005, p. 4)	∅	∅
Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo	Não crês em mais nada? (2011, p. 8)	– Blasfêmia – e não crês em mais nada: teu ceticismo derribou Todas as estátuas do teu templo, mesmo a de Deus? (2005, p. 4)	∅	∅
Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Pragmático	Nem em Deus? (2011, p. 8)	(...) teu ceticismo derribou Todas as estátuas do teu templo, mesmo a de Deus? (2005, p. 4)	Você não acredita em Deus? (2013, p. 11)	Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Pragmático
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Do terror é que vem a crença em Deus! (2011, p. 8)	Do terror e que vem a crença em Deus! (2005, p. 5)	Na hora do pavor, o camarada acredita em qualquer coisa que o tire dos apuros! (2013, p. 12)	Perspectiva lógica da equivalência Plano Pragmático
Reprodução <i>ipsis</i>	Crer nele como a	Crer nele como	∅	∅

<i>litteris</i>	utopia do bem absoluto, o sol da luz e do amor, muito bem! (2011, p. 8)	a utopia do bem absoluto, o sol da luz e do amor, muito bem! (2005, p. 5)		
Perspectiva gramatical da sinonímia / Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Referencial	Mas se entendeis por Deus os ídolos que os homens ergueram banhados de sangue... (2011, p. 8)	Mas se entendeis por ele os ídolos que os homens ergueram banhados de sangue (2005, p. 5)	∅	∅
Perspectiva lógica da equivalência Plano Locutivo	Do terror é que vem a crença em Deus (2011, p. 8)	Crer em Deus!?! ...sim! como o grito íntimo o revela nas horas frias do medo, nas horas em que se tiritava de susto e que a morte parece roçar úmida por nós (2005, p. 4)	Você não acredita em Deus? Acredito sim. (2013, p. 11 - 12)	Perspectiva lógica da equivalência Plano Locutivo
Perspectiva lógica da equivalência Plano Locutivo	Crer nele como a utopia do bem absoluto, o sol da luz e do amor, muito bem! Mas, se entendeis por ele os ídolos que os homens ergueram	Crer nele como a utopia do bem absoluto, o sol da luz e do amor, muito bem! Mas, se entendeis por ele os ídolos que os homens	∅	∅

	banhados de sangue (...) não creio nele! (2008, p. 8)	ergueram banhados de sangue e o fanatismo beija em sua inanimação de mármore de há cinco mil anos... não creio nele! (2005, p. 5)		
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	E os livros santos? (2011, p. 8)	E os livros santos? (2005, p. 5)	∅	∅
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Miséria! Quando me vierdes falar em poesia, eu vos direi: (...) (2011, p. 8)	Miséria! Quando me vierdes falar em poesia eu vos direi: (...) (2005, p. 5)	∅	∅
Perspectiva lógica da equivalência Plano Locutivo	(...) aí há folhas inspiradas pela natureza como nem Homero as sonhou. (2011, p. 8)	(...) aí há folhas inspiradas pela natureza ardente daquela terra como nem Homero as sonhou (2005, p. 5)	∅	∅
Perspectiva retórica da reformulação Plano Locutivo	Mas, quando me falarem em visões santas (...) (2011, p. 8)	Mas quando me falarem em verdades religiosas, em visões santas (...) (2005, p. 5)	∅	∅
Reprodução <i>ipsis</i>	(...) eu vos direi	(...) eu vos direi	∅	∅

<i>litteris</i>	(...) (2011, p. 8)	(...) (2005, p. 5)		
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	(...) mentiram como as miragens do deserto! (2011, p. 8)	(...) mentiram como as miragens do deserto! (2005, p. 5)	∅	∅
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Estás ébrio, Johann! (2011, p. 8)	Estás ébrio, Johann! (2005, p. 5)	∅	∅
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	O ateísmo é a loucura (...) (2011, p. 8)	O ateísmo e a insânia (...) (2005, p. 5)	∅	∅
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	(...) a verdadeira filosofia é o epicurismo (...) (2011, p. 8)	A verdadeira filosofia e o epicurismo. (...) (2005, p. 5)	∅	∅
Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Pragmático	a felicidade do homem está no prazer. (2011, p. 8)	o fim do homem é o prazer (2005, p. 5)	∅	∅
Perspectiva gramatical da sinonímia Plano Locutivo	Quero que todos se levantem e digam (...) (2011, p. 8)	Quero que todos se levantem, e com a cabeça descoberta digam-no (...) (2005, p. 5)	∅	∅
Reprodução <i>ipsis litteris*</i>	ao Deus pã da natureza, aquele que a antiguidade chamou de Baco (...)	Ao Deus Pan da natureza, aquele que a antiguidade chamou Baco (...)	∅	∅
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	(...) e que nós chamamos melhor	(...) e que nos chamamos	∅	∅

	pelo seu nome, o vinho. (2011, p. 8)	melhor pelo seu nome – o vinho. (2005, p. 5)		
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Ao vinho! Ao vinho! (2011, p. 9)	Ao vinho! Ao vinho! (2005, p. 5)	∅	∅
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Agora ouvi-me, senhores! (2011, p. 9)	Agora ouvi-me, senhores! (2005, p. 5)	∅	∅
Perspectiva Gramatical da Sinonímia / Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo	Entre um brinde e uma baforada de fumaça (...) (2011, p. 9)	Entre uma saúde e uma baforada de fumaça (...) (2005, p. 5)	∅	∅
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	(...) o que nos cabe é contar uma história sanguinolenta, um daqueles contos fantásticos. (2011, p. 9)	(...) o que nos cabe é uma história sanguinolenta, um daqueles contos fantásticos. (2005, p. 5)	O que está fazendo falta agora é uma boa história sangrenta, para assustar até os fantasmas, e afugentar (2013, p. 12)	Perspectiva retórica da reformulação Plano Locutivo
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Uma história medonha, Archibald? (2011, p. 9)	Uma história medonha, não Archibald? (2005, p. 5)	∅	∅
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Pois bem, dir-vos-ei uma história (2011, p. 9)	Pois bem, dir-vos-ei uma história (2005, p. 5)	Então, eu conto uma! (2013, p. 12)	Perspectiva lógica da equivalência Plano Locutivo
Perspectiva gramatical da	Mas quanto a esta, podeis	Mas quanto a essa, podeis	∅	∅

sinonímia / Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo	tremar a gosto (2011, p. 9)	tremar a gosto (2005, p. 5)		
Reprodução <i>ipsis litteris</i> *	Não é um conto... É uma lembrança do passado (2011, p. 9)	Não é um conto, é uma lembrança do passado. (2005, p. 5)	∅	∅
ANÁLISE	Capítulo II – Solfieri	Capítulo II – Solfieri	Solfieri	ANÁLISE
Perspectiva lógica da equivalência Plano Locutivo	...A noite ia bela e Roma, cidade do fanatismo e da perdição. (2011, p. 10)	Roma é a cidade do fanatismo e da perdição (2005, p. 6)	Roma, a cidade eterna! O primeiro centro cosmopolita da Europa! (2013, p. 15)	Perspectiva retórica da reformulação Plano Simbólico
Perspectiva Lógica da equivalência Plano Referencial	Sua face era como a de uma estátua pálida à lua (2011, p. 10)	A face daquela mulher era como a de uma estátua pálida da lua (2005, p. 6)	∅	∅
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	...daí um canto melodioso se derramava (2011, p.10)	...daí um canto se derramava. (2005, p. 6)	∅	∅
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Havia naquele cantar como um choro de frenesi (2011, p.10)	...havia naquele cantar um como choro de frenesi, (2005, p. 6)	Que canto triste! Que lamento lindo! Morreu alguém...! (2013, p.16)	Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Simbólico*
Perspectiva gramatical da	Não viu ninguém, saiu. Eu a segui	Não viu a ninguém – saiu.	Quando ela saiu, eu soube que	Perspectiva retórica da

sinonímia / Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo	(2011, p. 11)	Eu segui-a. (2005, p. 6)	tinha que ir atrás! (2013, p. 16)	reformulação Plano Simbólico*
Perspectiva lógica da equivalência Plano Locutivo	O frio da noite e a chuva causaram-me uma febre. (2011, p. 12)	O frio da noite, aquele sono dormido à chuva, causaram-me uma febre (2005, p. 6)	O frio da noite, o sono dormido na chuva, já no caminho de casa, me deixaram com febre, (2013, p. 18)	Perspectiva retórica da reformulação (já no caminho de casa) / lógica da equivalência Plano Locutivo
Perspectiva lógica da equivalência Plano Locutivo	No meu delírio, me lembrava daquela mulher e daqueles soluços (2011, p. 12)	No meu delírio passava e repassava aquela brancura de mulher, gemiam aqueles soluços (2005, p. 6)	∅	∅
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Um ano depois voltei a Roma (2011, p. 12)	Um ano depois voltei a Roma (2005, p. 7)	Só voltei a Roma um ano depois (2013, p.18)	Perspectiva lógica da equivalência Plano Locutivo
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Nos beijos das mulheres, nada me saciava (2011, p. 12)	Nos beijos das mulheres nada me saciava (2005, p. 7)	Nos beijos das mulheres que encontrava, nada me saciava (2013, p. 18)	Perspectiva gramatical da sinonímia Plano Locutivo
∅	∅	As luzes de quatro círios batiam num caixão entreaberto. Abri-o: era o de uma moça	Deitada num esquife, com todo jeito de falecida (2013, p. 19)	Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Pragmático

		(2005, p. 7)		
Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Referencial Plano Locutivo	Tomei o cadáver nos meus braços (2011, p. 13)	Tomei-a no colo (2005, p. 7)	∅	∅
Perspectiva gramatical da sinonímia / Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo	Ela me apertou em seus braços (2011, p. 14)	Apertou-me em seus braços (2005, p. 7)	Ela está viva! Está viva e me agarrou! (2013, p. 21)	Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Pragmático
∅	∅	Nunca ouvistes falar da catalepsia? (2005, p. 7)	Eu nunca tinha ouvido falar em catalepsia! (2013, p.20)	Perspectiva gramatical da sinonímia / Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Que levas aí? (2011, p. 14)	Que levas aí? (2005, p. 8)	O que é que você vai levando aí? (2013, p. 21)	Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	É minha mulher que vai desmaiada (2011, p. 14)	É minha mulher que vai desmaiada (2005, p. 8)	Minha mulher que desmaiou... (2013, p. 21)	Perspectiva gramatical da sinonímia / Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Uma mulher! (2011, p. 14)	Uma mulher! (2005, p. 8)	Sua mulher? (2013, p. 21)	Perspectiva gramatical da sinonímia /

				Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Pragmático
Reprodução <i>ipsis litteris</i> *	Mas e essa roupa branca e longa? (2011, p. 14)	Mas essa roupa branca e longa? (2005, p. 8)	Mas... Essa roupa branca e longa... (2013, p. 21)	Reprodução <i>ipsis litteris</i> *
Perspectiva gramatical da sinonímia / Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo	Serás, por acaso, ladrão de cadáveres? (2011, p. 14)	Serás acaso roubador de cadáveres? (2005, p. 8)	Você é um ladrão de cadáveres? (2013, p. 21)	Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Boa noite, moço, podes seguir (2011, p. 15)	Boa noite, moço: podes seguir (2005, p. 8)	Pode ir, moço (2013, p. 22)	Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo
Perspectiva retórica da reformulação Plano Referencial*	Pouco depois voltei (2011, p. 16)	Meia hora depois eu os deixava na sala bebendo ainda (2005, p. 8)	Nem notaram, meia hora mais tarde, que os deixei a sós! (2013, p. 23)	Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Ria de um rir convulso. Como a insânia (2011, p. 16)	Ria de um rir convulso como a insânia (...) (2005, p. 8)	Quando ouvi aquele riso insano, dentro do quarto. (2013, p. 23)	Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Pragmático
Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo	Dois dias e duas noites levou ela nesse delírio, então morreu (2011, p. 16)	Morreu depois de duas noites e dois dias de delírio (2005, p. 8)	Ela passou dois dias com febre, rindo daquele jeito sem, sem parar... Depois morreu... (2013,	Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo

			p. 23)	
Reprodução <i>ipsis litteris</i> *	Por um ano, noite após noite, dormi sobre as lajes que a cobriam. (2011, p. 17)	Um ano – noite a noite – dormi sobre as lajes que a cobriam. (2005, p. 9)	...por um ano dormi em cima da laje... (2013, p. 24)	Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Solfieri, não é um conto isso tudo? (2011, p. 18)	Solfieri, não é um conto isso tudo? (2005, p. 9)	Solfieri! Você não está exagerando, não? (2013, p. 24)	Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Pragmático
Perspectiva lógica da equivalência / gramatical da sinonímia Plano Locutivo	Guardei-lhe como amuleto a grinalda de defunta (2011, p. 18)	Guardei-lhe como amuleto a capela de defunta (2005, p. 9)	Guardei como amuleto sua grinalda de defunta! (2013, p. 24)	Perspectiva gramatical da sinonímia / Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo
Perspectiva lógica da equivalência / gramatical da sinonímia Plano Locutivo	Ei-la! Murcha e seca como o crânio dela! (2011, p. 18)	Vede-la murcha e seca como o crânio dela! (2005, p. 9)	Estão vendo as flores? Murchas e secas, como o crânio dela! (2013, p. 24)	Perspectiva gramatical da sinonímia Plano Locutivo
ANÁLISE	Capítulo III – Bertram	Capítulo III – Bertram	Bertram	ANÁLISE
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Sabeis, uma mulher me levou à perdição (2011, p.19)	Sabeis, uma mulher levou-me a perdição (2005, p. 9)	Também foi uma mulher a causa dos meus maiores problemas (2013, p. 27)	Perspectiva Retórica da Reformulação* Plano Pragmático
Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo	Foi ela quem me fez duelar com meus três melhores amigos (2011, p. 19)	Foi ela, vós o sabeis, quem fez-me num dia ter três duelos com meus três	Duelei com três deles, por causa de Ângela... (2013, p. 27)	Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Referencial

		melhores amigos (2005, p. 9-10)		
Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Referencial	Havia em Cádiz, no sul da Espanha, uma linda donzela (2013, p. 20)	Havia em Cadiz uma donzela (2005, p. 10)	∅	∅
Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo	Quando eu estava decidido a me casar com ela (2011, p. 20)	Quando eu estava decidido a casar-me com ela (2005, p. 10)	Quando já estávamos resolvendo a data do casamento (2013, p. 27)	Perspectiva lógica da equivalência Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Pragmático
Perspectiva lógica da equivalência Plano Locutivo	Tive de partir para Dinamarca, onde meu pai me chamava (2011, p. 20)	Tive de partir da Espanha para Dinamarca onde me chamava meu pai (2005, p. 10)	Eu tinha que voltar à fria Dinamarca (2013, p. 27)	Perspectiva lógica da equivalência Plano Referencial (Informação ampliada de Patati)
Reprodução <i>ipsis litteris</i> *	Eu também chorava, mas era de saudades de Ângela (2011, p. 21)	Eu também chorava – mas era de saudades de Ângela (2005, p. 10)	Eu chorava, como todos, na casa... Mas por saudade de Ângela! (2013, p. 28)	Perspectiva lógica da equivalência Plano Pragmático
Perspectiva* lógica da equivalência Perspectiva* Retórica da Reformulação Plano Pragmático*	Depois de ter vendido os bens de herança, deposei toda a fortuna em um banco e voltei para a Espanha (2011, p. 21)	Logo que pude reduzir minha fortuna a dinheiro pu-la no banco de Hamburgo, e parti para Espanha (2005, p. 10)	∅	∅

Referencial*				
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	(...) Ângela estava casada e tinha um filho... (2011, p. 21)	(...) Ângela estava casada e tinha um filho... (2005, p. 10)	Claro que foi uma imensa decepção, para mim, encontrá-la casada, e com um filho! (2013, p. 28)	Perspectiva Retórica da Reformulação Perspectiva lógica da equivalência Plano Locutivo
Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Referencial	Eu esperava ver passar nas cortinas brancas a sombra de Ângela (2011, p. 22)	Eu esperava ver passar nas cortinas brancas a sombra do anjo. (2005, p.11)	∅	∅
Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo / Plano Referencial	Ângela deixou-me no escuro (2011, p. 22)	Ela foi buscar uma luz, e deixou-me no escuro (2005, p. 11)	∅	∅
∅	∅	- Vês, Bertram, esse era o meu presente (2005, p. 11)	Esse era o meu presente! (2013, p. 29)	Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	(...) foi por ti que tive força bastante para tanto crime (2011, p. 23)	Foi por ti que tive força bastante para tanto crime (2005, p. 11)	Foi do nosso amor que tirei forças para tanto crime, Bertram! (2013, p. 29)	Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Pragmático
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Um dia ela partiu (2011, p. 23)	Um dia ela partiu (2005, p. 11)	Um dia, ela enjoou de mim e sumiu (2013, p. 30)	Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Pragmático
Perspectiva Lógica da	Fiz de tudo para tentar esquecê-la	Quis esquecê-la no jogo, nas	Me afoguei no jogo, nas	Perspectiva Retórica da

Equivalência Plano Locutivo	(2011, p. 23)	bebidas, na paixão dos duelos (2005, p. 12)	mulheres, na bebida... (2013, p. 30)	Reformulação Plano Pragmático
Perspectiva gramatical da sinonímia / Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo	Um nobre velho viúvo e uma beleza de 18 anos (2011, p. 24)	“Eu caíra ébrio” (...) um nobre velho viúvo e uma beleza peregrina de dezoito anos (2005, p. 12)	O médico idoso que me achou caído e sua lindíssima neta (2013, p. 31)	Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Pragmático
Perspectiva Gramatical da Sinonímia / Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo	Quando recobrei os sentidos, estava num pequeno barco de marinheiros que remavam em direção a um navio (2011, p. 25)	Quando recobrei os sentidos estava num escaler de marinheiros que remavam mar em fora (2005, p. 12)	∅	∅
∅	∅	Chegamos a uma corveta que estava erguendo âncora (2005, p. 12)	Fui levado a bordo de uma corveta de onde aquele barquinho tinha vindo (2013, p. 33)	Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Pragmático
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	...ninguém será mais valente do que eu (2011, p. 25)	...ninguém será mais valente do que eu (2005, p. 13)	...ninguém é mais valoroso que eu! (2013, p. 34)	Perspectiva Lógica da Equivalência / Perspectiva gramatical da sinonímia Plano Locutivo

Perspectiva Retórica da Reformulação (afirmação transforma-se numa ordem) Plano Pragmático	Disparem um tiro falso para que nos mostrem a bandeira (2011, p. 26)	Um tiro de pólvora seca da corveta reclamou a bandeira (2005, p. 14)	∅	∅
Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo	O navio encalhou num banco de areia (2011, p. 28)	O navio tinha encalhado num banco de areia (2005, p. 15)	∅	∅
Reprodução <i>ipsis litteris</i> *	Uma prática do mar, uma lei do naufrágio: a antropofagia (2011, p. 29)	Uma prática do mar, uma lei do naufrágio – a antropofagia (2005, p. 18)	A antropofagia é um destino cruel (2013, p. 35)	Perspectiva Retórica da Reformulação (Informação ampliada de Patati) Plano Pragmático
Perspectiva gramatical da sinonímia Plano Locutivo	Depois, as aves do mar já baixavam para partilhar a presa (2011, p. 32)	Depois, as aves do mar já baixavam para partilhar minha presa (2005, p. 19)	∅	∅
Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Pragmático	Lançamos os restos ao mar (2011, p. 32)	Lancei os restos ao mar (2005, p. 19)	∅	∅
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Quando acordei desse pesadelo de homem desperto, estava a bordo de um navio (2011,	Quando acordei desse pesadelo de homem desperto, estava a bordo de um	∅	∅

	p. 34)	navio (2005, p. 20)		
ANÁLISE	Capítulo IV - Gennaro	Capítulo IV – Gennaro	Gennaro	ANÁLISE
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	(...) quando contavas tua história, lembrava-me de uma folha de minha vida, uma folha seca e avermelhada como as do outono, e que o vento varreu (2011, p.35)	(...) quando contavas tua história, lembrava-me uma folha da vida, folha seca e avermelhada como as do outono, e que o vento varreu (2005, p. 20)	Enquanto ouvia tua história, Bertram, (...) Você falava, e eu lembrava das folhas secas e avermelhadas... (...) A imagem da juventude passada (2013, p. 39)	Perspectiva Lógica da Equivalência Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Locutivo Plano Pragmático
∅	∅	...eu sou pintor (2005, p. 20)	É que eu sou pintor! (2013, p. 39)	Perspectiva gramatical da sinonímia Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo
Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo	Casara em segundas núpcias com Nauza, uma beleza de 20 anos (2011, p. 36)	(...) casara em segundas núpcias com uma beleza de vinte anos (2005, p. 21)	Havia casado de novo, com Nauza, pouco mais velha que sua filha Laura (2013, p. 39)	Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo
Perspectiva gramatical da sinonímia Plano Locutivo	Outros acreditavam na compaixão pela pobre moça que vivia de servir de	Outros criam-no compaixão pela pobre moça que vivia de servir de modelo	Outros diziam que amava a moça como fosse sua filha (2013, p. 39)	Perspectiva Retórica da Reformulação (Informação ampliada de

	modelo (2011, p. 36)	(2005, p. 21)		Patati) Plano Pragmático
Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo	Eu era um jovem aprendiz de pintura em casa de Godofredo (2011, p. 37)	Eu era nesse tempo moço, era aprendiz de pintura em casa de Godofredo (2005, p. 21)	∅	∅
Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Pragmático	Tinha 18 anos, quase a idade da mulher do mestre (2011, p. 37)	Nauza tinha vinte – e eu tinha dezoito anos (2005, p. 21)	Ela tinha vinte, e eu dezoito anos! (2013, p. 39)	Perspectiva gramatical da sinonímia Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo
∅	∅	Como eu o disse – o mestre tinha uma filha chamada Laura (2005, p. 21)	Como eu disse, Walsh tinha uma filha, a linda Laura (2013, p. 40)	Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Referencial
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Todas as manhãs, Laura vinha a meu quarto (2011, p. 38)	Todas as manhãs Laura vinha a meu quarto (2005, p. 21)	Todas as manhãs Laura veio ao meu quarto (2013, p. 41)	Perspectiva gramatical da sinonímia / Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Três meses passaram assim (2011, p. 38)	Três meses passaram assim (2005, p. 21)	Três meses se passaram assim! (2013, p. 41)	Reprodução <i>ipsis litteris</i> *
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Estou desonrada (2011, p. 38)	(...) estou desonrada (2005, p. 21)	Estou desonrada! (2013, p. 41)	Reprodução <i>ipsis litteris</i>

Reprodução <i>ipsis litteris</i>	É preciso que cases comigo, que me peças a meu pai (2011, p. 38)	É preciso que cases comigo, que me peças a meu pai (2005, p. 22)	Preciso que você case comigo, peça a meu pai! (2013, p. 41)	Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Não me amas? (2011, p. 38)	Não me amas? (2005, p. 22)	Não me ama? (2013, p. 42)	Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo
Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo	Nunca mais Laura tornou a falar-me em casamento (2011, p. 38)	Nunca mais tornou a falar-me em casamento (2005, p. 22)	∅	∅
Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo	Laura não falara mais comigo (2011, p. 39)	Laura não me falara mais (2005, p. 22)	Laura não me disse mais nada (2013, p. 42)	Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo
Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo	Eu, contudo, não esquecera Nauza, nem ela a mim... (2011, p. 39)	Eucontudo não esquecera Nauza, nem ela se esquecia de mim (2005, p. 22)	Mas nem eu nem Nauzaesquecemos um do outro... (2013, p. 43)	Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo
Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo	Preciso que me acompanhes (2011, p. 41)	O mestre Walsh (...) chamou-me para acompanhá-lo (2005, p. 24)	Venha, vamos fazer uma caminhada! (2013, p. 47)	Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo
Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Pragmático	A noite era escura e fria (2011, p. 42)	A noite era escuríssima (2005, p. 24)	∅	∅

Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Gennaro, quero contar-te uma história. (2011, p. 42)	Gennaro, quero contar-te uma história. (2005, p. 24)	Vou contar a história (...) (2013, p. 47)	Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	É um crime, e quero que sejas juiz dele (2011, p. 42)	É um crime, quero que sejas juiz dele (2005, p. 24)	(...) de um crime e quero que sejas dele o juiz! (2013, p. 47)	Reprodução <i>ipsis litteris</i> *
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Um velho era casado com uma moça bela (2011, p. 43)	Um velho era casado com uma moça bela (2005, p. 24)	Um velho viúvo casou com uma moça bonita (2013, p. 47)	Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Pragmático
Perspectiva gramatical da sinonímia / Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo	Havia um aprendiz (2011, p. 43)	Um aprendiz (2005, p. 24)	(...) um jovem aprendiz... (2013, p. 47)	Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo
Perspectiva gramatical da sinonímia / Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Referencial	Um miserável que o velho erguera da poeira (2011, p. 43)	Um miserável que ele erguera da poeira (2005, p. 24)	Um canalha que lhe roubou as duas mulheres! (2013, p. 47)	Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Pragmático
Perspectiva lógica da equivalência Plano Locutivo	Gennaro, se houvesse um castigo pior que a morte eu o daria a ti (2011, p. 43)	Gennaro (...) se houvesse um castigo pior que a morte, eu t'o daria (2005, p. 25)	∅	∅
Perspectiva Gramatical da	Uma luta entre nós seria insana	Uma luta entre mim e ele fora	∅	∅

Sinonímia Plano Locutivo	(2011, p. 44)	insana (2005, p. 25)		
Perspectiva gramatical da sinonímia / Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo	Orações, ameaças, tudo seria à toa (2011, p. 44)	Orações, ameaças, tudo seria de balde (2005, p. 25)	∅	∅
ANÁLISE	Capítulo V – Claudius Hermann	Capítulo V – Claudius Hermann	Claudius Hermann	ANÁLISE
Perspectiva gramatical da sinonímia / Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo	E tu, Hermann? (...) Fala que chegou tua vez. (2011, p.47)	E tu, Hermann! Chegou a tua vez. (2005, p. 27)	É a tua vez, Alemão! É a tua vez, Claudius Hermann! (2013, p. 51)	Perspectiva lógica da equivalência Plano Locutivo
Perspectiva Retórica da Reformulação* Plano Pragmático	Nenhum príncipe desperdiçava somas tão elevadas quanto eu em uma única noite (2011, p. 48)	Apostei como homem a quem não doera empobrecer (2005, p. 27)	Mas consegui apostar quase tudo num páreo só (2013, p. 51)	Perspectiva Retórica da Reformulação* Plano Pragmático
∅	∅	Eu tinha dobrado minha fortuna (2005, p. 29)	Duplicatei o capital (2013, p. 52)	Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo
Perspectiva Retórica da Reformulação	No dia seguinte eu a vi de novo, no teatro (2011, p.	No dia seguinte eu a vi: era no teatro (2005, p.	∅	∅

Plano Pragmático	49)	29)		
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Essa mulher era a duquesa Eleonora (2011, p. 49)	Essa mulher era a duquesa Eleonora... (2005, p. 29)	A amazona se chamava Eleonora, e era uma duquesa! (2013, p. 53)	Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Pragmático
Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Pragmático	Seis meses de contemplação (2011, p. 49)	Seis meses de agonia e desejo anelante (2005, p. 29)	Demoraram seis meses para que eu a encontrasse de novo (2013, p. 54)	Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Pragmático
Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Referencial	Comprei uma chave (2011, p. 49)	Esse homem comprara um chave (2005, p. 29)	∅	∅
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Senhor, vossa esposa ou irmã, quem quer que ela seja, decerto precisará de uma criada que a sirva (2011, p. 52)	Senhor, vossa esposa ou irmã, quem quer que ela seja, de certo precisará de uma criada que a sirva (2005, p.32)	Se a senhorinha precisar de qualquer coisa, ou o senhor... (2013, p. 57)	Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Pragmático
Perspectiva gramatical da sinonímia / Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo	Deixai-me, ela dorme apenas (2011, p. 52)	Deixai-me, ela dorme (2005, p. 32)	Obrigado, obrigado, ela está dormindo (2013, p. 57)	Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Pragmático
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	É um sonho? (2011, p. 53)	É um sonho? (2005, p. 32)	Estou sonhando?! (2013, p. 58)	Perspectiva gramatical da sinonímia / Perspectiva

				Lógica da Equivalência Plano Locutivo
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Onde estou eu? (2011, p. 53)	Onde estou eu? (2005, p. 32)	Onde estou? (2013, p. 58)	Perspectiva gramatical da sinonímia / Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo
Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo	Quem sois? (2011, p. 53)	Quem é esse homem encostado em meu leito? (2005, p. 32)	Quem é o senhor? (2013, p. 58)	Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo
Perspectiva gramatical da sinonímia / Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo	Pois bem, eu gritarei. (2011, p. 53)	Pois bem, disse ela, eu gritarei... (2005, p. 33)	Se o senhor não se explicar eu grito! (2013, p. 58)	Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Pragmático
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Irei contigo (2011, p. 59)	Irei contigo. (2005, p. 38)	Eu aceito a sua proposta... (2013, p. 59)	Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Pragmático
ANÁLISE	Capítulo VI – Johann	Capítulo VI – Johann	Johann	ANÁLISE
∅	∅	- Agora a minha vez! Quero lançar também uma moeda em vossa urna: e o cobre	Eu também tenho meu caso para contar! (2013, p. 63)	Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Pragmático / Simbólico

		azinhavrado do mendingo: pobre esmola por certo! (2005, p. 40)		
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Era em Paris, num bilhar. (2011, p. 62)	Era em Paris, num bilhar. (2005, p. 40)	Aconteceu em Paris... (2013, p. 63)	Perspectiva gramatical da sinonímia / Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Jogava contra mim um moço, chamava-se Arthur. (2011, p. 62)	Jogava contra mim um moço: chamava-se Arthur. (2005, p. 40)	Artur, mais jovem e ousado que todos os outros jogadores, era um adversário de respeito. (2013, p. 63)	Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Pragmático
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	A mim, faltavam-me não sei quantos: sei só que eram muitos e pois requeria-se um grande sangue frio, e muito esmero no jogar. (2011, p. 62)	A mim, faltavam-me não sei quantos: sei só que eram muitos e pois requeria-se um grande sangue frio, e muito esmero no jogar. (2005, p. 40)	∅	∅
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	A meu olhar ardente o mancebo sacudiu os cabelos loiros e	A meu olhar ardente o mancebo sacudiu os	Mas ele era autoconfiante demais! (2013, p. 63)	Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Pragmático

	sorriu como de escárnio. (2011, p. 63)	cabelos loiros e sorriu como de escárnio. (2005, p. 40)		
Reprodução <i>ipsis litteris</i> *	A raiva levou-se de vencida. (2011, p. 63)	A raiva levou-me de vencida. (2005, p. 40)	E eu não tive paciência! (2013, p. 63)	Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Pragmático
Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Pragmático	Era o limite! (2011, p. 63)	Era demais! (2005, p. 40)	∅	∅
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Tinha de ser sangue por sangue. (2011, p. 64)	Tinha de ser sangue por sangue. (2005, p. 40)	Tinha que ser sangue por sangue. (2013, p. 64)	Reprodução <i>ipsis litteris</i> *
Perspectiva lógica da equivalência Plano Referencial	Vossas armas, senhor Arthur? (2011, p. 64)	Vossas armas, senhor? (2005, p. 41)	Quais são suas armas, senhor? (2013, p. 64)	Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo
Perspectiva gramatical da sinonímia Plano Referencial	Sabê-las-eis no lugar. (2011, p. 64)	Sabe-lo-eis no lugar. (2005, p. 41)	Lá você vai saber! (2013, p. 64)	Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Vossas testemunhas? (2011, p. 64)	Vossas testemunhas? (2005, p. 41)	Quem são suas testemunhas? (2013, p. 64)	Perspectiva gramatical da sinonímia Plano Locutivo
Reprodução <i>ipsis litteris</i> *	Vireis comigo (2011, p. 64)	Vireis comigo... (2005, p. 41)	Venha comigo! (2013, p. 64)	Perspectiva gramatical da sinonímia / Perspectiva Lógica da Equivalência

				Plano Locutivo
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Senhores, não há pois meio de conciliar-vos? (2011, p. 64)	Senhores, não há pois meio de conciliar-vos? (2005, p. 41)	Não há maneira de vocês desistirem dessa bobagem? (2013, p. 64)	Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Pragmático
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Se precisardes de uma testemunha, estou pronto. (2011, p. 65)	Se precisardes de uma testemunha, estou pronto. (2005, p. 41)	Se precisarem de uma testemunha, estou ao seu inteiro dispor. (2013, p. 64)	Perspectiva gramática da sinonímia / Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo
∅	∅	(...) não há meio de paz entre nós (...)(2005, p. 41)	Não há meio de paz entre nós. (2013, p. 65)	Reprodução <i>ipsis litteris</i>
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	(...) um bofetão e uma luva atirada às faces de um homem são nódoas que só o sangue lava. (2011, p. 65)	(...) um bofetão e uma luva atirada às faces de um homem são nódoas que só o sangue lava. (2005, p. 41)	Uma bofetada e uma luva atirada no rosto são ofensas graves! (2013, p. 65)	Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Pragmático
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	É, pois, um duelo de morte. (2011, p. 65)	(...) É pois um duelo de morte. (2005, p. 41)	Por isso, o duelo é de morte!	Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo
Reprodução <i>ipsis litteris*</i>	Arthur, creio em vós. Não quero ler esse papel. (2011, p. 65)	Artur, creio em vós: não quero ler esse papel. (2005, p. 41)	Calma, amigo, confio em sua palavra, vejo que é um homem de honra! (2013, p. 65)	Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Pragmático

Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Pragmático	Johann, sois um homem de honra? (2011, p. 66)	Senhor, sois um homem de honra? (2005, p. 41)	∅	∅
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Se eu morrer, tomai esse anel. No meu bolso achareis uma carta. Entregareis tudo a... Depois dir-vos-ei a quem. (2011, p. 66)	Se eu morrer, tomai esse anel (...) no meu bolso achareis uma carta (...) entregareis tudo a... Depois dir- vos-ei a quem... (2005, p. 41)	Se eu morrer, entregue esse anel e essa carta... No envelope você vai ver o endereço. (2013, p. 65)	Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Pragmático
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Ainda não! (2011, p. 66)	Ainda não! (2005, p. 42)	Ainda não... (2013, p. 65)	Reprodução <i>ipsis litteris*</i>
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Antes de um de nós morrer é justo que brinde o moribundo ao último crepúsculo de vida. (2011, p. 66)	Antes de um de nós morrer é justo que brinde o moribundo ao último crepúsculo de vida. (2005, p. 42)	Hoje, para um de nós, essa é a derradeira aurora... Mas até os piores condenados têm direito a um último brinde! (2013, p. 65)	Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Pragmático
Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Pragmático	A uma mulher que amo e cujo nome é segredo. (2011, p. 66)	É uma mulher, e o nome daquela que se apertou uma vez nos lábios, a quem se ama, é um segredo. (2005, p. 42)	À dona dos mistérios! Àquela que até hoje, amo em segredo! (2013, p. 65)	Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Pragmático
Perspectiva Lógica da	Com a pistola é mais breve (...)	Isto é mais breve, disse ele.	∅	∅

Equivalência Plano Referencial	(2011, p. 66)	(2005, p. 42)		
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	(...) pela espada é mais longa a agonia. (2011, p. 66)	Pela espada é mais longa a agonia. (2005, p. 42)	Espadas são mais primitivas, causam mais sofrimento... (2013, p. 66)	Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Pragmático
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Qualquer canto da rua é bastante sombrio para dois homens dos quais um tem de matar o outro. (2011, p. 66)	Qualquer canto da rua é bastante sombrio para dois homens dos quais um tem de matar o outro. (2005, p. 42)	Qualquer lugar é bom! Vamos procurar um terreno baldio! (2013, p. 66)	Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Pragmático
Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo	Tomai. (2011, p. 68)	Tomai, murmurou o moribundo, e acenava-me para o bolso. (2005, p. 42)	No meu... Bolso... Não esqueça... (2013, p. 66)	Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Pragmático
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Achei dois bilhetes. (2011, p. 68)	Achei dois bilhetes. (2005, p. 43)	Os envelopes são dois! (2013, p. 67)	Perspectiva lógica da equivalência Plano Locutivo
Perspectiva gramatical da sinonímia Plano Locutivo	Fui ao encontro. (2011, p. 68)	Fui à entrevista. (2005, p. 43)	Não tem jeito, senão comparecer! (2013, p. 67)	Perspectiva Retórica da Reformulação Plano Pragmático
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	(...) era meu irmão. (2011, p. 70)	Era meu irmão. (2005, p. 43)	É o meu irmão! (2013, p. 71)	Perspectiva gramatical da sinonímia Plano Locutivo
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	A moça desmaiara de	A moça desmaiara de	No caminho, encontrei,	Perspectiva Retórica da

	susto ouvindo a luta. (2011, p. 71)	susto ouvindo a luta. (2005, p. 44)	desmaiada no chão, a mulher com quem passei tantos longos momentos de prazer... (2013, p. 72)	Reformulação Plano Pragmático
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Era minha irmã! (2011, p. 71)	Era minha irmã! (2005, p. 44)	Era minha irmã! (2013, p. 72)	Reprodução <i>ipsis litteris</i>
ANÁLISE	Capítulo VII – Último Beijo de Amor	Capítulo VII – Último Beijo de Amor	Último Beijo de Amor	ANÁLISE
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Acorda e levanta-te! (2011, p. 74)	Acorda e levanta-te! (2005, p. 45)	Acorda! Levanta! (2013, p. 78)	Perspectiva lógica da equivalência Plano Locutivo
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Que me queres? (2011, p. 74)	Que me queres? (2005, p. 45)	O que quer? (2013, p. 78)	Perspectiva lógica da equivalência Plano referencial
∅	∅	(...) a flor de beleza é como todas as flores (2005, p. 45)	A flor da beleza é como todas as outras... (2013, p. 78)	Perspectiva gramatical da sinonímia / Perspectiva Lógica da Equivalência Plano referencial
∅	∅	É um adeus, é um beijo de adeus e separação que venho pedir-te; (2005, p. 45)	É um beijo de adeus, o que venho te pedir e te trazer. (2013, p. 79)	Perspectiva gramatical da sinonímia / Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Vem, Giorgia! Senta-te aqui,	Vem, Giorgia! Senta-te aqui,	Vem, Geórgia!Vem	Perspectiva Retórica da

	senta-te nos meus joelhos. (2011, p. 78)	senta-te nos meus joelhos. (2005, p. 46)	comigo! (2013, p. 80)	Reformulação Plano Pragmático*
Perspectiva gramatical da sinonímia / Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo	Minhas ilusões de amante, as noites malditas de devassidão (...) (2011, p. 79)	Minhas ilusões de amante e as noites malditas da crápula, (...) (2005, p. 46)	Minhas ilusões de amante! As noites malditas e os beijos das vendidas! (2013, p. 80)	Perspectiva gramatical da sinonímia / Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	(...) e o tédio que me inspiravam aqueles beijos frios das vendidas que me beijavam! (2011, p. 79)	(...) e o tédio que me inspiravam aqueles beijos frios das vendidas que me beijavam! (2005, p. 46)	∅	∅
Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo	Obrigada, Arthur! Obrigada! Mas eu vinha só dizer-te adeus da borda do meu túmulo! (2011, p. 79)	Escuta, Artur, eu vinha só dizer-te – adeus! – da borda do meu túmulo (2005, p. 46)	Mas eu só vim te dizer adeus, Artur. Só posso te dizer adeus... (2013, p. 81)	Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Locutivo
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Esse homem foi quem a desonrou! (2011, p. 81)	Esse homem foi quem a desonrou! (2005, p. 46)	Foi ele quem me desonrou... (2013, p. 81)	Perspectiva Lógica da Equivalência Plano Rerefencial
Reprodução <i>ipsis litteris</i>	Desonrou-a, a ela que era sua irmã!! (2011, p. 81)	Desonrou-a, a ela que era sua irmã!! (2005, p. 46)	Desonrou a própria irmã! (2013, p. 81)	Perspectiva lógica da equivalência Plano Locutivo

9. REFERÊNCIAS DOS CORPORA DE ANÁLISE

AZEVEDO, Álvares de. **Noite na Taverna**. Belo Horizonte: CEDIC – Centro Difusor de Cultura, 2005.

PATATI, Carlos. **Noite na Taverna**. Histórias em quadrinhos. São Paulo: Editora DCL, 2013.

SERIACOPI, Reinaldo. **Noite na Taverna**. Clássicos Brasileiros em HQ. 1. ed. São Paulo: Ática, 2011.